

Bibliografia

180 anos da Escola de Belas Artes. Anais do Seminário EBA 180. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

ALMEIDA, Paulo Mendes de. *De Anita ao museu.* São Paulo: Perspectiva, 1976.

ALVARENGA, Oneyda. *Mário de Andrade, um pouco.* Rio de Janeiro: José Olympio ; SCET-CEC, 1974.

AMARAL, Aracy. *Arte para quê? A preocupação social na arte brasileira (1930-1970).* São Paulo: Studio Nobel, 2003.

ANDRADE, Mário de. "Candido Portinari", in *O baile das quatro artes.* São Paulo: Martins, 1975. Edição comemorativa do 30º aniversário da morte de Mario de Andrade.

_____. "O movimento modernista", in *Aspectos da literatura brasileira.* São Paulo: Martins ; INL, 1972. Edição comemorativa do 50º aniversário da Semana de Arte Moderna (1922-1972).

_____. *Cartas a Murilo Miranda, 1934-1945.* Ed. prep. por Raúl Antelo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

_____. *Correspondente contumaz: cartas de Mário de Andrade a Pedro Nava, 1925-1944.* Ed. prep. por Fernando da Rocha Peres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. *A lição do guru: cartas a Guilherme Figueiredo. 1937/1945.* Ed. prep. pelo destinatário. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

_____. *Portinari, amigo mio: cartas de Mário de Andrade a Candido Portinari.* Organização, introdução e notas Annateresa Fabris. Campinas: Mercado de Letras / Projeto Portinari / Autores Associados, 1995.

_____. *Querida Henriqueta: cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa.* Ed. prep. por Pe. Lauro Palú. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

_____. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira.* Organização, introdução e notas de Marcos Antonio de Moraes, São Paulo: Edusp, 2001.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea.* Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

ARISTÓTELES. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Coleção Os Pensadores, v. 2.

BALBI, Marília. *Portinari, o pintor do Brasil*. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2003.

BANDEIRA, Manuel. *Crônicas inéditas II (1930-1944)*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

_____. *Crônicas inéditas I (1920-1931)*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

BARTHES, Roland. “O rosto de Garbo”, in *Mitologias*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

_____. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

BENTO, ANTONIO. *Portinari*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1980.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *O pintor de retratos*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

CALLADO, Antonio. *Retrato de Portinari*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CASTELNUOVO, Enrico. *Retrato e sociedade na arte italiana: ensaios de história social da arte*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

DOCTORS, Marcio. “Desvio para o moderno”, in **CAVALCANTI**, Lauro (Org.). *Quando o Brasil era moderno*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

DURAND, José Carlos. *Arte, privilégio e distinção: artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil (1855-1985)*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FABRIS, Annateresa. *Candido Portinari*. São Paulo: Edusp, 1996. – (Artistas Brasileiros, 4).

FABRIS, Annateresa (Org.). “A fotografia e o sistema das artes plásticas”, in *Fotografia: usos e costumes no século XIX*. São Paulo: Edusp, 1991, pp. 173-198.

FABRIS, Annateresa. *Portinari, pintor social*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

FILHO, Mário [Rodrigues]. *A infância de Portinari*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1966.

FOUCAULT, Michel. “A escrita de si”, in *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, pp.144-162.

FROTA, Lélia Coelho (Org.). *Carlos & Mário*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.

FREITAS, Newton. "Correspondência de Mário de Andrade". *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros-USP*, São Paulo, n. 17, pp. 91-120, 1975.

GUÉGAN, Stéphane; **MADÉLINE**, Laurence; **SCHLESSER**, Thomas. *L'autoportrait dans l'histoire de l'art*. De Rembrandt à Wharol, l'intimité révélée de 50 artistes. Paris: Beaux Arts Éditions, 2009.

HERKENHOFF, Paulo. *Arte brasileira na Coleção Fadel: da inquietação do moderno à autonomia da linguagem*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial, 2002.

KELLY, Celso. *Portinari, quarenta anos de convívio*. Rio de Janeiro: Edições G.T.L., s/d.

KERN, Maria Lúcia Bastos. "Imagem manual: pintura e conhecimento", in FABRIS, Annateresa; KERN, Maria Lúcia Bastos (Orgs.). *Imagem e conhecimento*. São Paulo: Edusp, 2006, pp. 15-29.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LINS, Vera. "Em revistas, o simbolismo e a virada de século", in *Fon-Fon! Buzinando a modernidade*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 2008.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade, entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1983.

LOPEZ, Telê Ancona. "Uma ciranda de papel". In **GALVÃO**, Walnice Nogueira & **GOTLIB**, Nádia Batella (Orgs.) *Prezado Senhor, Prezada Senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

MICELI, Sergio. *Imagens negociadas: retratos da elite brasileira (1920-1940)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2007.

MUSÉE DES LETTRES ET DES MANUSCRITS. *Des lettres et des peintres: Manet, Gauguin, Matisse... confidences de quarante artistes*. Paris: Beaux Arts Éditions, 2011. Catálogo da exposição.

MUSÉE LUXEMBOURG. *Moi!* Autoportraits du XX siècle. 31 mars – 25 juillet. Paris: Skira, 2004. Catálogo da exposição.

MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO. *No ateliê de Portinari (1920-45).* São Paulo: 14/07 a 18/09/2011. Catálogo de exposição. Curadoria: Annateresa Fabris.

OITICICA FILHO, Francisco. *Vincent Monteiro, poeta cordial – marcas textuais de sociabilidade literária* (Paris, 1946-1960). Maceió: EDUFAL, 2004.

PEDROSA, Mario. *Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília.* São Paulo: Perspectiva, 1981.

PEREIRA, Sonia Gomes; **OLIVEIRA,** Myriam Andrade Ribeiro de; da **LUZ,** Angela Ancora. *História da arte no Brasil: textos de síntese.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

PLAZY, Gilles. *Picasso.* Porto Alegre: L&PM, 2007.

PORTINARI, Candido. *Poemas.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

_____. *Portinari, o menino de Brodóski.* Rio de Janeiro: Livrarte Editora: 1979.

PROJETO PORTINARI. *Candido Portinari: o lavrador de quadros.* Rio de Janeiro, 2003.

_____. *Entrevistas com Maria Portinari – 19.11, 29.11, 10.12.82, 11.1, 19.1, 28.1, 11.2.83.* Rio de Janeiro. Material digital enviado por correio eletrônico.

_____. *Cronobiografia de Candido Portinari.* Rio de Janeiro, s/d.

PROJETO PORTINARI/IEB. Cartas de Candido Portinari para Mario de Andrade. Fotocópia. Cartas inéditas. 55 págs.

RUGG, Linda Haverty. *Picturing ourselves: photography and autobiography.* Chicago: The University of Chicago Press, 1997.

SANTIAGO, Silviano (Org.). *A República das Letras – De Gonçalves Dias a Ana Cristina César: cartas de escritores brasileiros (1865-1995).* Rio de Janeiro: SNEL, 2003.

SANTOS, Matildes Demétrio dos. *Ao sol carta é farol: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas.* São Paulo: Annablume, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio”, in *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, volume 3, pp. 513-620.

_____. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SOUZA, Elizeu Clementino de; **ABRAHÃO**, Maria Helena Menna Barreto (orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS/EDUNEB, 2006.

TEIXEIRA, Lucia. “Sou, então, pintura: em torno de autorretratos de Iberê Camargo”, in *Alea*, vol. 7, nº 1. Rio de Janeiro, Jan/Jun, 2005. Acessado em 24/06/2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2005000100008&lng=en&nrm=iso>. access on 04 Dec. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2005000100008>.

VAN GOGH, Vincent. *Cartas a Théo*. Antologia. Porto Alegre: L&PM, 1997.

VENANCIO, Giselle Martins. *Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 28, 2001, pp. 23-24.

VIEIRA, Lucia Gouvêa. *Salão de 1931: marco da revelação da arte moderna em nível nacional*. Rio de Janeiro: FUNARTE / Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1984.

WATSON, Julia. “Toward na anti-metaphysics of autobiography”, in FOLKENFLIK, Robert (Ed.). *The culture of autobiography: constructions of self-representation*. Stanford: Stanford UP, 1993.

WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1987.

YUNES, Eliana Lúcia Madureira. “Memórias: Ponte Grande para um Homem de profissão”, in **TELLES**, Gilberto Mendonça. *Oswald Plural*. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1995.

ZILIO, Carlos. *A querela do Brasil: a questão da identidade da arte brasileira*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

PERIÓDICOS (por ordem alfabética de autor):

AGA. Portinari voltou da Europa. *Mundo Ilustrado*, Rio de Janeiro, RJ, 1931.

ANDRADE, Mário de. "O Salão". *Diário de São Paulo*, São Paulo, SP, 13 set. 1931.

_____. "Portinari". *Diário de São Paulo*, São Paulo, SP, 15 dez. 1934.

_____. "Portinari". *Revista Acadêmica*, Rio de Janeiro (41-42): 3, set.-out. 1938.

_____. "Obras novas de Candido Portinari". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, SP, suplemento em retrogravura, 5 mai. 1939 (134).

_____. "Uma capela de Portinari". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, SP, suplemento em retrogravura, 15 abr. 1941 (179).

_____. "El pintor Portinari". *Revista Saber Vivir*, Buenos Aires, II (26): 26-7, set. 1942.

_____. "Esboço para um Portinari em castelhano". *Folha da Manhã*, São Paulo, SP, 25 out. 1944.

BANDEIRA, Manuel. "O Brasil que insiste em pintar..." *A Província*, Recife, 13 set. 1928.

BRITES, Joe. "O estado actual da arte brasileira". *O Paiz*, Rio de Janeiro, RJ, 3 mar. 1926.

CREMONA, Ercole. "O Salão de 1923". *Ilustração Brasileira*, ano IV, n. 37, set. 1923, p. 11-16.

DEMORO, Lauro. ARTES E ARTISTAS. "A Exposição Geral de 1924". *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 17 ago. 1924, p. 5.

FARIA, Aloysio de Andrade. O "Salon": realiza-se, depois de amanhã, o "vernissage"... *Rio-Jornal*, Rio de Janeiro, RJ, 9 ago. 1924.

F.&N. "Um retratista moderno: Candido Portinari". [s.n., Rio de Janeiro, RJ, ago. 1924].

FONSECA, Roberto da. Candido Portinari. *Vida Brasileira*, Rio de Janeiro, RJ, jul. 1926.

JOBIM, Danton. "Os apóstolos da beleza". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, RJ, 20 set. 1926.

KELLY, Celso. "Um sonhador e um artista". *O Jornal*, Rio de Janeiro, RJ, 1925.

LATOUR, Eugênio. “A pintura no Salon”. *Rio-Jornal*, Rio de Janeiro, RJ, 14 ago. 1924.

MATTOS, Adalberto P. “O Salão de 1926”. *Ilustração Brasileira*, ano VII, n. 73, set. 1926, n/p.

MAURICIO, Virgílio. “Belas Artes. o Salão de 1923”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 ago. 1923, p.3.

PORTINARI, Candido. “Salão Lucio Costa”. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, RJ, nov. 1931.

RIBEIRO, Flexa. “Salão Brasileiro”. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 19 ago. 1928, p. 2.

RODRIGUES, Néelson. “Um pouco de arte...”. *Alma Infantil*, Rio de Janeiro, RJ, 19 jun. 1926.

SIMAS, Gelabert de. O "Salão" de 1924: os pintores e as suas telas. *s.n.*, Rio de Janeiro, RJ, ago. 1924.

CORRESPONDÊNCIA:

- De Candido Portinari para Mário de Andrade:

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5783.

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5788.

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5789.

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5790.

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5791.

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5795.

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5796.

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5798.

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5800.

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5801.

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5803.

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5804.

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5805 (ou 5813).

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5807.

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5808.

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5809.

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5812.

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5814.

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5815.

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5828.

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5831.

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5833.

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5837.

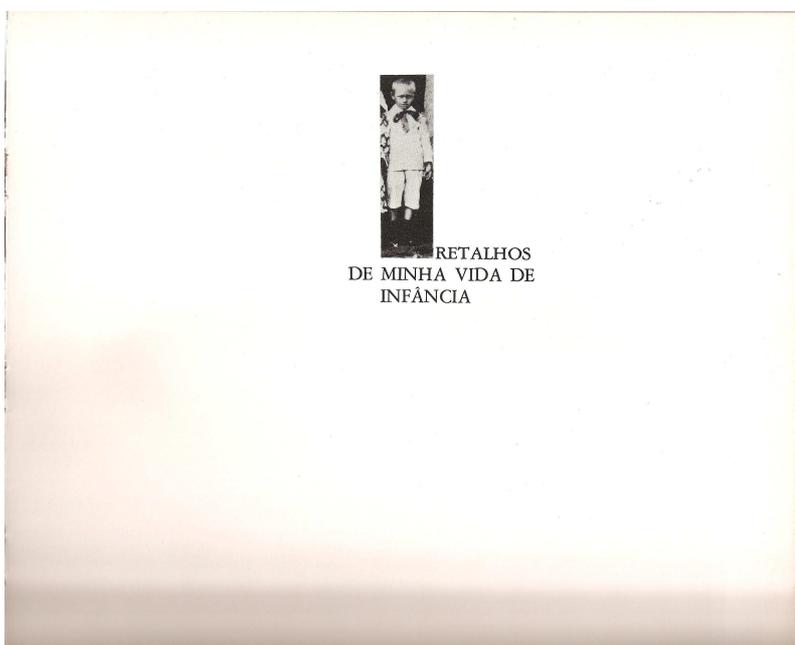
Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade: CO-5856.

Anexo 1

PROJETO PORTINARI. *Portinari, o menino de Brodóski.*
Rio de Janeiro: Livroarte Editora: 1979.



Capa



Folha de rosto

Partiu-se do manuscrito do autor para o estabelecimento do texto de *Retalhos de minha vida de infância*. Consultaram-se também as páginas de um texto datilografado com algumas correções do autor, sobretudo para a solução de problemas de pontuação de que carece o original manuscrito. Algumas palavras foram inseridas e por isso vêm entre colchetes. Marcaram-se com colchetes e pontos [...] as lacunas de palavras não existentes no original ou completamente ilegíveis. Anulizaram-se a grafia e a acentuação de acordo com as normas atuais. Adotou-se uma atitude conservadora em relação à pontuação original, acrescentando-se outros sinais de pontuação apenas quando imprescindíveis à compreensão de certas frases.

Paris, 29 novembro 1957

Nasci numa fazenda de café. Meus pais trabalhavam na terra. Não tenho nenhuma lembrança daí.

Mudaram-se da fazenda Santa Rosa para a estação de Brodósqui — onde não havia ainda povoado; eu devia ter dois anos de idade.

No novo local viviam com meus pais minha avó paterna, um tio e uma tia ambos irmãos de meu pai. Lembro-me vagamente da casa e do armazém; havia um quarto cheio de melancias e de caixas de vinho do Porto. Estas caixas vinham sempre com surpresas. Grande foi minha alegria quando numa veio um pequeno canivete com o cabo de madrepora. Morávamos atrás da igreja de Santo Antônio, que era a Matriz. Havia muita festa com banda de música. A maior lembrança que tenho era de um homem, empregado do João Brisotti, que vinha comprar pedra para amolar o alfaije. A imagem do diabo que haviam pintado na cabeça se assemelhava a esse homem mas não me antedontava. Mais tarde tivemos moedor de cana e alguns cavalos. Não havia ainda automóveis, as estradas eram intransitáveis. Meu companheiro era o Pilo, que ainda andava de camisola. Bom menino, não provocava brigas. Houve tempo em que nós, os garotos, brigávamos da manhã à noite. Nesse tempo eu era briguento. Era costume da meninada sentar-se no alicerce (mais saliente do que a parede) da casa do vigário. Dali se avistava nossa casa; quando eu apontava na porta, a maioria dos que estavam na casa do vigário se iam; eu era provocador. Também houve tempo em que não só evitava como apartava sempre os outros. Certa vez, na estação da Estrada de Ferro, quando houve uma luta mundial de boxe em que disputavam um branco e um preto, os mais crescidos começaram a atijar um menino preto contra mim; não pude evitar, demônio-nos alguns soquinhos e levei um grande susto vendo o meu

adversário sangrando pelo nariz. Bati em retirada e escondi-me embaixo da cama, pedindo a Deus que nada acontecesse. Só sai do esconderijo quando já era noite. Havia na praça algumas casuarinas — seus galhos eram pesados e machucavam — dei e apañei muita surra de casuarina. Vivíamos a maior parte do tempo no campo.

Havia a escola particular do Pires; meu irmão Paulino a frequentava.

Apareceu em seguida um professor do governo para escola pública. Aproveitei e matriculei-me, porém minha idade, 5 anos, não permitiu e o professor mandava-me brincar. Começávamos a abrir os olhos para a vida e uma vida povoada de sonhos, cansaços, grandes medos. Durante o dia, contavam-se histórias de lobisomem, mula-sem-cabeça, saci-pereté e almas do outro mundo. À noite, quando estávamos deitados, qualquer barulho nos apavorava. Também os irmãos mais velhos nos amedrontavam. Defunto era o nosso pesadelo, meus pais não deixavam que vissemos e por isso a nossa curiosidade era grande. O primeiro que vi foi o Costinha, que tinha sido imprensado e esmagado entre sua carroça carregada de pedras e a parede da casa. Vi-o no caixão, passei muitas e muitas noites sem poder dormir.

Vcio como vigário o Padre Josué, muito bom e amigo da criança; logo organizou uma escola eficiente em local apropriado; em seguida transformou a praça em campo de esporte com gangorra, balanço, barra, argola e um jogo que gostávamos muito. Chamava-se esse jogo beti. Depois ele montou um cinema; para poder frequentá-lo era preciso ter pontos que se ganhavam conforme a lição do catecismo.

Havia um velho professor que o Padre Josué mandara vir. Usava pince-nez; tinha uma enorme vara de marmelo e uma palmatória de dois centímetros de espessura com um furo no centro. Não houve ninguém que se livrasse desses dois instrumentos de correção. A aula vivia cheia, já não havia mais um lugar. O velho professor tinha que se desdobrar para manter a disciplina. O horário era das 8 às 11 e de meio-dia às 4. A lição de tabuada era cantada: 1 e 1, 2. Um dia foram suspensos vários alunos e meu companheiro de banco; pensei que fosse também comigo e na confusão saí com os outros; ao chegar em casa, meu pai admitiu-se e perguntou: — "Por que viste mais cedo?" Respondi-lhe — "Nós fomos expulsos."

Meu pai: — "Fizeste alguma coisa?" — "Não." Meu velho foi saber o que havia. O professor disse que a suspensão não me atingia e que eu voltasse. Fiquei sabendo o que era suspensão e expulsão.

Nossa vida era intensa. À noite, delatávamos na grama ao redor da igreja e de barriga para cima ficávamos vendo as estrelas e sonhando; um perguntava ao outro o que desejava ser — as respostas eram ambiciosas; um desejava ser rei, outro general, aquele dono de circo, etc. Iamos nadar num córrego junto ao matadouro municipal ou no sítio de meu tio, ambos eram petigossos e sujos; era proibido pelos donos e pelos nossos pais.

Na época do milho verde, íamos em grupos às fazendas e sítios roubar. Fomos, oito ou dez meninos, eu era o mais novo, no sítio do meu tio e padrinho. Depois de termos apanhado algumas espigas, o vigia soltou os cachorros — foi uma debandada de salve-se quem puder; eu dei-me no meio de umas touceiras de barba-de-bode, ali fiquei até sentir o meio do silêncio; corri e senti-me perdido, não sabia onde estava, sem ideia de

direção, até que me lembrei: o sol desce na fazenda de Santa Rosa; tumei em direção ao sol, que estava quase no final do seu trabalho — andei, andei até que surgiu à minha frente o cemitério; levei susto mas ao mesmo tempo aliviado por saber onde estava e, com mais um impulso, esbarrei em casa. Grande alegria quando cheguei.

Quando foi inaugurado o Grupo Escolar de Batatais, onde fui batizado, creio que depois de meio século de fundação da cidade, houve grandes festas de comemoração. Até a banda de música do Anão, da Força Pública de São Paulo. Sãia sempre em companhia do meu pai. De manhã, quando acordei, procurei meu pai, não o encontrando, perguntei à minha mãe, ela me disse que ele voltaria logo. Saí e os garotos me disseram que meu pai tinha ido com mais amigos a Batatais, montando um bonito cavalo branco que tinham; alguém propôs a nossa ida a pé até lá. Todos concordaram e, como ninguém sabia o caminho, resolvemos acompanhar os trilhos da estrada de ferro. Quando passava algum trem, eu corria para me esconder no matão — tinha medo da locomotiva. Chegamos a Batatais ao anoitecer — fomos logo identificados por alguém de Brodósqui; estávamos cansadíssimos e com muita fome. Avisaram meu pai que veio em seguida e nos levou a um local; já não havia mais nada nem nos restaurantes nem nos botecos — lembro-me que nos alimentamos de bolacha e gasosa.

Fui com minha avó visitar a tia Catarina em Ribeirão Preto. Tomamos um trezínho em que o controlador anda por fora — bitola estreitíssima.

O Natal era muito festejado, os fornos de quase todas as casas estavam acesos, a fumaça se desprendia abundante; assava-se cabrito, leitões, frangos, etc. Havia um costume divertido: planejavam furtar os assados uns dos outros e no final era tudo reunido e convidavam a todos para saborear o assado. A banda de música estava sempre presente. O Padre Josué, nesse dia, ornava uma grande árvore cheia de brinquedos para no dia distribuir entre a meninada. Recordo-me que fiquei tão deslumbrado com a quantidade de brinquedos, que não sosseguei enquanto não meti a mão num brinquedo, subi em uma cadeira. Ao chegar em casa, meu pai perguntou, eu menti dizendo que o vigário me havia dado; o meu velho não acreditou muito e foi em minha companhia para que eu dezoovesse, mas o Padre Josué, na sua bondade natural, disse a meu pai que ele, escondido, assistiu ao meu trabalho, foi com tanta rapidez que valia o brinquedo. Muita festa religiosa em benefício da igreja nova e grande, essas festas eram motivo de alegria para nós, meninos.

O campo era sempre o nosso melhor refúgio. Além dos frutos silvestres que havia sempre, durante todo ano, conhecíamos todos os recantos, todas as árvores; nas maiores subíamos para espiar o panorama, era agradável. Armávamos arapucas; bem me lembro quando, pela primeira vez, apanhei um sangue-de-boi vermelho como indica o nome. Nunca encontramos cobras, creio que não havia. O gado manso, moroso, e que já nos conhecia. As manhas eram belas quando o sol surgia e seus raios através dos troncos das árvores do campo iluminavam tudo, as cores se avivavam dando magnífica impressão.

Nossos brinquedos eram variados, conforme o mês, e também havia os para o dia e os para a noite. Para o dia eram: gude, pião, arco, avião, papagaio, diaboló, bilboquê, fotó, botão, balão, malha e futebol. Para a noite: pique,

barra-manteiga, pulando carniça, etc. Tinha o cabelo branco e apelidavam-me de vovô. Gostava muito de ir na grupa de cavaleiros. Gostava de deitar-me na grama e olhar as estrelas, era um grande prazer. Havia também as histórias de Dona Iria, senhora portuguesa, mãe de muitos filhos e muito boa pessoa: à noite, sentados no chão ao seu redor, ficávamos atentos, ouvindo as histórias: Roberto do Diabo, Roldão, Carlos Magno, reis, príncipes e princesas. Que lindas eram as suas histórias e que bom era esse tempo.

Eram belas as manhãs frias na época da apanha do café e delicioso o canto dos carros de boi transportando as sacas da colheita. Quantas vezes adormecíamos sobre as sacas. A luz do sol parecia mais forte. Era somente para nós, lá pela estrada afora o carro vagaroso, cantando. Dormíamos cheios de felicidades. Sonhávamos sempre, dormindo ou não. Nossa imaginação esvoaçava pelo firmamento. Fantasias fojadas, olhando as nuvens brancas, mais brancas do que a neve. Tudo se movia ao nosso redor como um passe de mágica. Belas eram as flores silvestres. Conhecíamos bem os pássaros, as formigas, as sericimas, as saracuras e os tatus. Quando víamos no chão um orifício, sabíamos a que bicho pertencia. Conhecíamos também a maioria das árvores e arbustos, sabíamos suas serventias para as doenças; as chuvas, o arco-íris, as nuvens, as estrelas, a lua, o vento e o sol eram-nos familiares. O contacto com os elementos moldava nossa imaginação e enchia nosso coração de ternura e esperança.

Apreciava com alegria, aos sábados, em todas as casas, a faina dos moradores varrendo e atecendo fogo e ao longe se via sair fumaça de dezenas de montículos, semelhava-se a chafarizes com seus repuxos d'água. Alancei o lampião a gás; o acendedor de lâmpões começava sua labuta às seis horas da tarde. Passava montado num buírico velho que ia a passo. As casas eram iluminadas a querosene. A água era da cisterna, estas eram profundas, no mínimo 20 palmos. Quando achávamos pedra de carvão, improvisávamos um circo, o preço da entrada era de cinco paus de fósforos. Na nossa casa havia trapézio e argola. Creio que numa dessas improvisações pintei com giz de variado colorido, pintavam-se as meias velhas das manas que a muito custo conseguíamos. À noite, o espetáculo terminava à meia-noite mais ou menos, era quando terminava o carburero.

Barbatimão é uma árvore que tem as folhas redondas, essas folhas representavam dinheiro quando brincávamos de vendinha. Lá em casa, perto da cocheira, havia uns caixotes, bulindo neles, achei uma garrafa de cachaca e, com o caixote, fizemos uma vendinha e, com uma xícara, completamos o necessário para o negócio; passados uns quinze ou vinte minutos, foi uma choradeira infernal, ninguém se agüentava em pé. Meu pai deitou-me na cama mas tudo parecia girar e, num certo momento, bati a cabeça na parede, ferindo-me.

Na época da laranja, íamos em grupos comprá-las na fazenda do Antônio Caribé. Podíamos chupar quantas quisésemos ali mas para levar era a 100 réis o cento.

Eram nossos vizinhos os Moi, gente boa, muitos filhos, duas trabalhavam lá em casa. Um dia apanhei a garrafa do meu pai e embarafustei-me casa a dentro; estavam juntando, nessa época se juntava às quatro da tarde. Quando me viram apontando a arma, foi uma balbúrdia dos diabos, meu

pai foi alertado e tomou-me a arma; além dum sermão, levei uns pauzões de orlha.

O preto e velho Belisário tinha de um lado do rosto uma estranha bola e possuía uma água; parecia inevitavelmente aos domingos. Vinha fazer suas compras. Viva eu arquiteando um jeito de montar a água; foi a primeira vez. Não sabia nada, e, desta forma, a água saiu andando comigo mas encostada no arame farpado que me abriu um grande talho; ainda é bem visível a cicatriz no pé esquerdo. Costava imenso de ir à fazenda na apanha do café para achar Filipe ou quando os colonos batiam arroz ou feijão. O almoço que nos davam era saboroso.

A primeira vez que passaram um filme, o barracão de folhas de zinco não comportava o povaréu que ali foi. Colocaram a tela no meio do salão; de um lado apareciam os letreiros ao contrário. Recordo-me apenas de uma imagem: marinho puxando uma corda. Aquete ruído que a máquina fazia dá saudade e o cheiro do celulósido também.

O céu, a igreja, a terra e o cemitério estão sempre na cogitação da gente. A primeira vez que ouvi falar em suicídio foi quando o filho do Prudente, fazendeiro dos mais abastados da zona, deu-se um tiro no ouvido. Logo depois veio de São Paulo o túmulo mais rico do cemitério. Curioso é que muitos anos depois foi anunciada a venda do túmulo. Mas a sepultura que mais me impressionou é a de um jovem, Petraqui, que deve ter morrido antes do meu nascimento. Diz: "O que vos sois eu já fui, o que eu sou vós sereis." Sempre que passava em frente desse túmulo, sentia um frio pela espinha. O terror, a insegurança contrastavam nitidamente com os nossos sonhos. Quantas vezes ficava à espera de alguma coisa que me livrasse dali e ao mesmo tempo me dava pena sair.

As chuvas nos traziam novos brinquedos, uns faziam barquinhos de papel e os deitavam n'água, outros patinhavam nas sarjetas e os mais destremidos iam nadar nos mata-burros; poderiam acontecer mil coisas mas felizmente recordei nunca haver acontecido nada de grave. Um dia de chuva, voltei para casa todo molhado e com sarampo. Dizia-se que onde se contraiu o sarampo ali deve ser curado e assim tratei na chuva o meu.

O velho Murari foi o primeiro maestro de música. Ele formou a banda local. Velho simpático e calado. Andava sempre de alpaca preta. Sua mulher era imensa, parecia um *condoltere*. Tinham quatro filhos, dois homens e duas mulheres, os homens, mais tarde, eram músicos da banda da Força Pública de São Paulo. A mania da velha era o jogo do bicho.

A banda de música foi contratada para tocar em Crissúna, numa festa. Era grande a alegria dos músicos quando eram chamados para fora. Essa festa era famosa. Meu pai era responsável pela banda. Foi também. Da estação à fazenda, a distância era de algumas léguas. Mandaram condução. Ao chegar já havia animação: fogueiras, balões, grande comilança e baile a noite toda; a banda tocou até certa hora, depois foi a sanfona. Os músicos precisavam descansar porque no dia seguinte é que era a grande festa, começariam com a alvorada. O sino da igreja repicou. Era o começo. Houve missa, casamentos, batizados. Bebidas, comidas e doces havia por toda parte. As seis da tarde, houve reza e em seguida baile até de madrugada. Festa terminada, músicos a pé. Foi sonolento escanchado nas costas de um homenzarrão.

As magnólias da nossa rua perfumavam tudo — belas e grandes árvores. Uma ocasião, meu irmão mais velho, já de noite, quis apanhar um passarinho que tinha seu ninho bem em frente e quase encostado em nossa casa. Subiu, passou as mãos para o outro galho mas era apenas a sua sombra, levou um tombo de costas e inchou o rosto, levamos grande susto. Em outra ocasião, o Cecílio, ceseiro de meu tio, transportava um carregamento de pedras. Os bois, mansos e lerdos, permitiam à gurizada subir e descer do carro. Os mais ousados andavam no varal por entre as juntas dos bois. Meu irmão Paulino, habituado a se movimentar por entre as juntas, desequilibrou-se e caiu. Todos nós tivemos a impressão de que a roda do carro lhe havia passado na altura do estômago. Minha mãe, por acaso, estava nos chamando e quando assistiu à queda do meu irmão, chamou por Santo Antônio. O Paulino saiu quase ileso, tinha apenas um vergão — pisaram erva-de-santa-maria e colocaram com uma faixa. Comentou-se durante muito tempo. Todos nós [acreditávamos] em Deus e em todos os santos.

O Capitão João Ramos era muito estimado por todos, desde as crianças até os velhos. Usava cavanhaque e chefiava um dos dois partidos políticos. Possuía fazenda divisa com a do Américo, tio-avô do meu sobrinho Carlos. Este fazendeiro não era benquista, sua fazenda fazia divisa com Brodóski. Ele não deixava ninguém catar lenha em seu pasto e por isso as mulheres dos trabalhadores iam à fazenda do capitão. Este não só deixava como muitas vezes ajudava, com seu trolinho, a carregar a lenha. A porteira preta dividia as duas fazendas. Esse local era mal-assombrado, ali apareciam: a mula-sem-cabeça, o lobisomem e o saci-pereté. No campo do Américo, viviam as almas penando.

Havia o Angelo Bobo. Muito simpático, não falava quase e viveu entre nós durante toda a infância. Andava sempre de mãos para trás, era alto e muito pálido. Conhecia todos e todas as casas; entrava na nossa e ia nos fundos até a cozinha. Sabia onde era guardado o leite e servia-se e se ia embora sem nada dizer. As vezes desaparecia durante três ou quatro dias, voltava sujo de barro vermelho e rasgado. Assim ia levando a vida até que, certa ocasião, saiu e nunca mais voltou. Pensam que tenha caído em algum rio.

O arraial do Silva era o local mais afastado da zona: o mais perto era Brodóski e levavam-se quatro horas de trole para lá chegar. Havia muita areia e três ou quatro grandes empórios de propriedade de sírios. Havia muito maleitoso e amarelão. Foi uma única vez para uma grande festa que os fazendeiros e trabalhadores promoviam, gente toda dos arredores. Missa e leiteão, bem me recordo dos novilhos no leiteão. O Furquim é mais adiante, ali então é o oce do mundo, gente primitiva. Vcio a missão Rockefeller examinar-nos, estavam fazendo campanha contra o amarelão, todos nós tivemos que tomar o remédio, foi o pior que já tomei. A seleção ali é feita naturalmente; os que escapam podem-se considerar fortes. As crianças estão sempre em perigo. Não pode haver controle — criados a solta, comendo frutas verdes e muitas vezes sem saber o que era.

A maioria das máquinas de beneficiar café, arroz e as ferrarias tinham oficinas movidas a vapor. Os filhos do Plade eram do nosso grupo e na hora do almoço não ficava ninguém na oficina: aproveitávamos para fazer espadas e várias coisas. O Paulino, meu irmão, estava torcendo um pão e em certo momento a polva pegou-lhe a manga da camisa. Eu estava perto,

apantei um pau e consegui desligar a corrente, do contrário ele ficaria sem o braço, mesmo que dissipasse o vapor, o impulso até o tórax era grande.

Numa das visitas de minhas primas, que eram bonitas, levei-as ao campo e lá subimos numa árvore, pendurei-me no galho em que estavam para balançá-las mas em seguida, com o excesso de peso, o galho partiu-se e recebi todo o peso no pescoço. Tive a impressão de estar partido ao meio nos primeiros momentos. Não pude endireitar-me, pareceu-me então que as costelas tinham entrado no meu estômago. Saí atônito, com medo de morrer, ao chegar em casa, deitei em um copo grande quantidade de sal e pus um pouco d'água e bebi tudo. Minha mãe olhou, examinou e disse: isso não é nada, vamos colocar um Enplastro Phenix. Deitei e pedi a Bíblia. Foi lendo sem compreender. Estava certo que morreria.

No dia seguinte, meu pai perguntou se eu queria ir à casa, era o único divertimento a que ele não me convidava, recusei, dava-me medo. Meu pai era grande atador, amigos de fora lhe escreviam para ir em caçar. Esses amigos deixavam os cachorros lá em casa. Os perdiduciros pareciam gente, minha avó paterna tomava conta de mim, ralhava-me porque eu deixava os cachorros me beijarem. Muito católica, as primeiras orações foi ela quem nos ensinou. Da Associação do Sagrado Coração, ela, a presidente, recolhia as mensalidades e guardava numa caixa que havia no armário; de vez em quando eu retirava uns níqueis — ela nunca percebeu. Ia com ela à missa e gostava de ir bem vestido — minhas botinas as engraxava várias vezes por dia. A roupa eu queria bem passada, como a dos homens, com o vinco no meio. A Olívia Moi, quem a passava, não ligava, porque eu era muito criança, eu esperneava e botava brasa no ferro e passava com o vinco no meio.

Quando nos mudamos para a rua de baixo, na casa em que se havia dado um suicídio — moça de nome Cristina se havia atreído fogo, teve morte horrível, muito comentada. O medo era grande à noite — era de dar pena. Deixei a velha casa com dor no coração — desolado e vazio, como se me tivessem arrancado qualquer coisa. Como se tivesse saído inteiro.

O Chico sapateiro fazia nossas botinas — não tinha palavra — marcava o dia para ir buscá-las e quando lá chegava estavam ainda sem sola. Tinha passado todos aqueles dias contando até os segundos, isso me enfurecia, deixando-me os olhos cheios d'água.

Jardinópolis, onde morava minha avó materna e vários tios e tias e muitos primos. Para mim e meus irmãos, Jardinópolis era a Meca. Lá havia de tudo, placas nas ruas e número nas casas — dois cinemas, muitos negócios e minhas primas da nossa idade como eu achava-as lindas. Brodóski arenoso, lá, terra vermelha e as pernas das primas eram mais brancas do que o branco, mais brancas do que a neve. Meus tios eram donos de empórios e confeitarias; não tinham automóveis nem caminhões. Eles possuíam muitos animais, havia o Negrinho, Sete de Ouros. Davam filmes durante a semana. Os salões enormes, num deles tinha umas pinturas.

Sabia de cor o nome de todos aqueles artistas. Saía muito com o primo Umberto ou de carrinho ou a cavalo, íamos às fazendas e chácaras que eles possuíam com plantações de mangas para exportar. Era tão bom lá. Quando tinha de voltar, era tão triste tudo e tão quieto e silencioso que dava medo. Gostava de andar na garupa dos cavaleiros.

A banda de música de Jardópolis tinha fama de caimira e a de Brodosqui, branca. Veio um maestro da Itália, antes de mais nada fazia os músicos aprenderem a marchar. Muito divertido. Os músicos, todos dali, tinham durante o dia suas ocupações. O maestro jogava no bicho e quem fazia o jogo: o Eurico barbeiro e que tocava caixa na banda. Dizia ao maestro para jogar no pato... Ele perdia sempre no bicho. Nós, garotos, íamos ver o exercício dos músicos marchando na estrada que vai dar na fazenda do Aleixo. Ovi uma velha dizer: — Qual, música de fanfarras não presta.

Minha avó materna era uma grande figura, nós todos a adorávamos — pois nunca contrariou ninguém e nós, com 5 ou 6 anos, ao chegarmos, ela nos agradava, metia nos nossos bolsos 400 réis, um maço de cigarros, caixa de fósforos e [oferecia] meio cálice de fernet.

Meu pai foi sempre nosso camarada e dizia que as coisas deste mundo não tinham importância; sua fé era enorme. Quando vinham os leprosos a cavalo, meu pai fazia-os apertar e almoçar na nossa mesa. Meu pai fez para um colégio umas carabinas de pau que o professor lhe havia pedido e fez uma para mim. Os filmes que se exibiam tinham grande influência, os da Guerra de Secessão davam motivo de tomar partido, o Norte contra o Sul. Nós, por causa do chapéu, preferíamos os do Sul.

Nosso quintal estendia-se por todos os lados, podia-se brincar. Meu pai nunca teve idéia de propriedade. O mundo para ele não passava de baldação, onde todos podiam alegrar-se com os espécúlos grátis que as flores, os ventos, os mares, os jardins ofereciam. O quintal vivia repleto de madeira e uns barracos onde guardava milhões de coisas, mas nada tinha chave ou cadeado; nossa porta não tinha fechadura. Não acreditava que viessem roubar e realmente nunca desapareceu nada.

Divertiamos-nos com as invenções dele — procurava fazer as coisas com o mínimo e então uma vez construiu uma enorme roda, outra menor e assim sucessivamente, uma quantidade. Acabou invadindo o campo onde colocou sobre uns [.....] uma bicicleta, na grande roda colocou, com o auxílio de amigos, grandes pedras, e uma criança sentada na bicicleta podia mover tudo aquilo. A parte teórica dava certo mas as grandes pedras amarrava-as com barbante, as correias, com tiras de pano. De quando em vez despencavam lá da roda as pedras que faziam no chão grandes covas; felizmente nunca houve desastre e nós nos divertíamos a valer com a gringonça se desmanchando, ele ria conosco.

O foguetiro morava na última casa da rua de baixo, isso para nós era o fim. Preparava os fogos para as festas e as grandes bombas da salva, na madrugada do dia da festa. Vinte e uma esouravam antes do sol nascer; quando o sino começava a repicar e a banda de música a tocar a alvorada, atava fogo no pavio, o estrodo de cada uma parecia tiro de canhão. Um irmão do Luqueteo pegou uma dessas bombas pensando que o pavio estava apagado, perdeu três ou quatro dedos. Outro irmão dele foi a Campinas, submeteu-se a um tratamento de olhos. Teve alta, telegrafou para a família: “Sigo amanhã”. Mas os da família leram: Cego. Foi uma choradeira, contatando os amigos e a vizinhança. No dia seguinte chegou o tapaz, desfazendo o engano.

Havia também um viúvo, dono de um negócio de secos e molhados, pai de

quatro ou cinco filhos. Ficava, às vezes, desesperado com as traquinagens dos garotos. Depois de muito esbravejar, ameaçava que se ia enfiar — saíam correndo e voltavam trazendo uma boa e forte corda.

Havia o teatro de armadores e, numa das peças que iam representar, fizeram um cenário com duas figuras *bediant* que sustentavam umas colunas. No dia, quando o pano subiu, alguém comentou rindo e apontando que os pés estavam do mesmo lado, não foi possível prosseguir.

Tristes eram as madrugadas quando os forasteiros, que haviam permanecido ali algum tempo, partiam. Batiam, timidamente, na janela e quase como um lamento davam as despedidas. Meu coração oprimido e os meus olhos rasos d'água...

A primeira máquina de beneficiar arroz, movida a eletricidade, foi a do Baliga localizada no ponto mais alto; ela tinha uma sirena completamente desconhecido o seu apitar. Isso aconteceu quando se falava no fim do mundo com o aparecimento do cometa de Halley. Mais ou menos às três da madrugada o Baliga fez a sirena funcionar: foi um rebulício dos diabos. Todo mundo saiu à rua, como estava. As mulheres e as crianças choravam desesperadamente...

Lamentamos muito a transferência do Padre Josué. Ficamos sem escola e sem alguém que nos chefiasse. Felizmente, logo chegou o Professor Danito e o Professor Waldemar, este era de cor preta. Padre Josué não foi substituído. Os professores eram eficientes. Como a escola do Danito ficava mais próxima de casa, matriculei-me ali. Ele não era muito comunicativo mas era competente. Eramos uns 20 alunos. Dava aula de Desenho; eu gostava muito e por isso não cheguei nunca a primeiro, sempre terceiro ou segundo. A cunhada do professor era solteira e muito bonita. Todos nós arrastávamos a asa. Cada um se acreditava o preferido. No recreio, ela vinha à janela, era motivo de nossas exhibições: dávamos cambalhotas ou jogávamos futebol. Quantos amores... Quantas alegrias e mágoas... Creio que a primeira foi uma moça de nome Orlina, eu beirava os cinco ou seis anos. Depois Conceição, muito loira. Maria José, morena. Com essa menina troquei palavra. Eu tinha uma bicicleta e às tardes vivia fazendo acrobacias em frente de sua casa. A bicicleta quase andava só. Armei muitas primas. Uma delas se parecia com Norma Shearer, a mais amiga, fomos a toda parte juntos. Namoro de criança é poesia que transborda.

Tenho como lembrança da escola do Danito uma fotografia onde aparece ele empunhando um livro e sentado. Mas em sua volta — há a seus pés um cachorro peludo que não me recordo o nome. Na foto estou com cara de zangado. Em seguida, reuniram as quatro escolas e formaram o Grupo Escolar que foi dirigido pelo Professor Romano Barreto — homem bom que, com o correr do tempo, passou a ser célebre entre os educadores brasileiros. Andava sempre de fraque verde, alto, magro, usava óculos. Na aula, o professor mandava que desenhasse não importava o quê e fizesse a descrição. Desenhei um leão e o desenho foi comentado pelos professores e pelos alunos. Não me deixaram mais em paz, tive que desenhá-los a capa das provas a serem expostas no fim do ano.

Recordo-me que nas datas históricas havia festa comemorativa e solene no Grupo Escolar e lá apareciam os materiais do lugar fardados de guardas

nacionais — havia um coronel, dois capitães e um tenente, este lá fardado e de chinelos.

Depois fiquei à espera de que aparecesse um príncipe que me levasse onde seria pintor... Fiz alguns retratos a *croquis*, tirados de pequenas fotos.

O vigário João Rubi desejava encomendar uma porteira e não se entendiam, peguei um papel e desenhei a porteira. O padre ficou olhando para mim e disse: — Amanhã chegaria o frentista para ornamentar a fachada da nova igreja. Você deve ir vê-lo e aprender. Ricardo Lúmi era o nome do meio escultor. Fazia ornatos e anjos diretamente com argamassa de cimento, areia e cal, trabalhou uns cinco meses. Quando terminou, deu-me uma prata de dois mil réis e uma viagem a Ribeirão Preto. Pessoa muito boa.

Passados alguns dias, vieram os pintores de Ribeirão Preto: Vitorino Gregolini e um seu cunhado. Também um mais idoso com o apelido de Barbeta devido à sua pequena barba. Eles já traziam o desenho, ajudei-os, enchi um fundo com estrelas. Mas o trabalho que mais os interessava era o seguinte: chegava às seis da manhã, abria a porta da igreja, retirava uma vasilha mais ou menos de 20 litros, despejava 3 litros d'água e juntava um tanto de cola; catava uns gravetos e com quatro tijolos fazia um fogão onde derretia a cola. Depois havia uma prancheta de mais ou menos 100 x 70, misturava as tintas em pó com água e colocava-as em pasta e sobre cada cor um pano bem úmido. Os andaimes de pau roliço eram muito frágeis, ficava do solo ou piso do andaime uns 8 ou 10 metros... escapet de cair muitas vezes...

A casa que morávamos foi doada pelos trabalhadores a meu pai.

Anunciavam a vinda do Bispo para crismas: motivo de grande festa. As tuas ficavam cheias de arcos feitos com bambu e bandeirinhas de todas as cores, o chão era coberto com folhas de mangueira. O Bispo era recebido com banda de música e grande quantidade de fogos. Depois da crisma, no largo da igreja, abriam muitas barracas onde havia para vender presentes, fogos, doces, etc. O costume: do padrinho comprar um grande colar de rosca que colocava no pescoço do afilhado. Por esse tempo vinha circo de cavaleiro com o palhaço Tóni, equilibristas e acrobatas e os "araras". Aqui também nos sentamos nos transportávamos para outras regiões. Todos nós apaixonados pela trapezista. O palhaço fazia o reclame montado ao contrário em um animal velho e moroso, pintado e vestido como nas funções; percorria o povoado com a criançada acompanhando e respondendo ao anúncio que fazia: "O palhaço o que é?" Resposta: "Ladrão de muié". "Olha o negro no potão." Resposta: "Tem cara de tuição." E por aí fora. Fazia um giro em todo o povoado, e na volta fazia uma cruz na testa dos meninos. Essa marca lhes dava o direito de entrada. Os menores assim que eram marcados saíam na carreta — os mais velhos, de maldade, procuravam apagar a cruz.

O espetáculo quase sempre se iniciava com o equilibrista e terminava, no segundo, com uma pantomima. No intervalo vendiam pastéis, amendoim e queijão; cachaça com gengibre quente.

Havia duas bandas de música, a Carlos Gomes e a Italo-Brasileira. As duas sociedades de beneficência italianas chamadas *Patris* e *Lanoro Mutuo Soccorso* e *Dante Alighieri* resolveram fundir as duas mas o nome ficou

longo demais. Simplificaram demais: *Dante Alighieri*. A sociedade dava muitas festas e bailes, lanios acompanhados dos mais velhos. Divertiam-nos. Viámos as moças bem vestidas, penteadas e pintadas. Quando trabalhavam tinham outro aspecto e não olhávamos muito. Grande surpresa vê-las tão bonitas. Sem dúvida uma paisagem...

As duas bandas de música tocavam cada uma na sua vez. No correto aos domingos também. As moças e os rapazes se encontravam na retreta. Fimdo o concerto, a banda se tocava para o cinema. Quantos sonhos através dos filmes. Encarnávamos o galã, sobriundo nos filmes de indios. No dia seguinte cada um de nós aparecia com divisas no braço, sobre as mangas; ou cabo ou sargento. Usávamos chapéu velho do pai, crentes sermos o guarda campestre. As crianças em geral não pagavam entrada. Ao começar o cinema, a porta ficava aberta e entrava quem não tinha com que pagar.

la-se ao matadouro por estrada até certo ponto sem acidente. Ao avistá-lo a estrada descia perigosamente até a ponte, dali era uma subida íngreme; as duas ribanciras davam idéia que em outros tempos o córrego teria sido um grande rio. Justamente tive que fazer esse caminho para ir buscar um cavalo e de volta, lá de cima, vi que embaixo havia muitos retirantes — tive medo. Bati muito no animal, nem sei como atravesssei. Quando dei por mim já estava quase em casa.

No Grupo Escolar, tínhamos formado dois times de futebol, do segundo time era eu o capitão. Fomos jogar em Batatais — apanhamos grande surra, eles eram melhores e maiores do que nós.

O Sr. Chico da Cachoeira era fazendeiro e amigo do meu pai. Fiz um quadro de mais de um metro de largura por oitenta centímetros de altura. O Sr. Chico ia passando a cavalo e accendo com a mão, preu pai saiu da porta e foi ao seu encontro: — "Como vai, Sr. Chico e a família? E a plantação e o tempo, tem chovido? Não quer apaeado tomar um cafezinho?" Apeou, entrou na sala. Meu pai: — "Este é trabalho do Cardinho". — "Ah é?" E agachou-se todo e com os óculos encostou o rosto no quadro — (Claro que estava vendo nada.) mas disse: — "O Seu Batista por que é que o Cardinho não faz fita de cinema?"

Apareceu um menino filho de alguém lá de Brodósqui. Tinha vindo da Itália e tinha um boné. Tive tanta inveja e era o maior desejo possuir um como o dele. Havia muitos mas de soldado.

Veio de Furuquim um menino que tinha recebido de outro um tiro de *flaubert*. Seu rosto estava preto e o que atirou veio preso. Depois, o que recebeu o tiro foi para a nossa escola, seu nome era Almeida Pinto e no seu rosto notavam-se ainda alguns chumbos. Era o primeiro da classe.

Muitos crimes houve nesse tempo. Eu devia ter 4 ou 5 anos e estava seniado na soleira da porta da casa de minha avó. Em frente era a casa da comadre Umbelina e do Sr. Joaquim Henrique. Estavam várias pessoas sentadas no lado de fora, entre eles o Carlos Silva. Em certo momento, vi o Marcos atrás de uma árvore que existia ali perto da casa de minha avó. De detrás da árvore, atirou no grupo; num segundo se estava o Carlos Silva de dentro respondendo aos tiros do Marcos que recebeu o tiro e caiu — foi o primeiro que se acertou dele. Estava agonizante.

Nossa casa ficava ao lado da cadeia. Nas eleições de 14, hemistas e

civilistas. Nesse dia os políticos faziam-se generosos, havia muito álcool. Dois do mesmo partido brigaram, um deles recebeu profunda facada na virilha — levaram-no para a cadeia — gemeu a noite toda, sem que ninguém o socorresse. No dia seguinte, estava morto.

Meus pais não queriam que nós fôssemos ver defuntos e muito menos os que estavam na cadeia e por isso nossa curiosidade tornava-se maior.

Nas fazendas de café, havia muito crime. Trouxeram de carroça um espanhol morto a machadadas, uma no rosto dava-lhe expressão apavorante. Mataram um preto e o trouxeram para a pracinha e, à espera de não sei que formalidade, foi se decompondo. Nós fomos espiar diariamente. Não nos alimentávamos e vivíamos todos cuspiendo muito. Mesmo depois de passados meses, só bastava dizer (fazia-se isso de maldade): — E o preto, heim? la tudo pelos ares, briga valendo tudo. Vivíamos amedrontados. Uma mulher estava lavando roupa em um riacho na fazenda a mataram e a penduraram numa árvore e abriram-lhe o ventre. Fiquei tão impressionado e apavorado com medo de me culparem... Comia muito pouco e não dormia. Quando acharam o assassino, foi grande minha alegria.

O filho do Farinazzi e o Aurélio foram cortar capim para os animais, levaram o alfanje bem amolado e lá depois de terem cortado um pouco, começaram a transportar para a carroça. O Peru, que era o seu apelido, tropeçou e caiu de cara e pescoço sobre o alfanje que lhe seccionou a carótida, esvaniu-se em sangue. Aurélio quase louco trouxe o cadáver.

Nesse tempo, não passava dia sem enterro.

O Eduardo, preto alto, mal-encarado, empreiteiro de mortes, foi a Brodosqui para liquidar o Carlos Silva, esse e mais o João Messias estavam no boteco, matando o bicho, de costas para a rua e encostados no balcão; estava chovendo, Eduardo de guarda-chuva e do medo da rua fez fogo e fugiu, acertou em João Messias que morreu ali mesmo. Vimos quando ele fugiu para o mato. Como todos os casos, esse também ficou por isso mesmo.

Um dos homens mais curiosos era o Argentão. "pau para toda obra", era jardineiro, covineiro e quem tomava conta da casa branca, local em que ficava os varalosos. Ele, que era o único a tratar dessa gente, nunca apanhou nada. Ele fazia cisternas também e no carnaval era o mais engenhoso, fazia a crítica da política. Seu jardim muito pitoresco o ajudava a viver. Quando morria alguém, ele lavava e vestia o morto. Tinha em seu jardim um eucalipto que era a árvore mais alta de toda a zona. Tirava a lenha para seu gasto. E o eucalipto estava sempre com a copa cheia e tronco atejado.

As geadas, queimando os cafezais, traziam crises. Tudo era difícil. A atmosfera de tristeza era insuportável. Falavam em crises, eu pensava que fosse uma doença e pedia a Deus que D. Iria não a apanhasse. Só as pessoas muito muito pobres não tomavam conhecimento. Aquilo era perene para elas. Elas até ganhavam a lenha dos pés de café inúteis. A paisagem também era triste, não havia quase verdes.

Impressionavam-me os pés dos trabalhadores das fazendas de café. Pés disformes. Pés que podem contar uma história. Confundiam-se com as pedras e os espinhos. Pés semelhantes aos mapas; com montes e vales, vincos como rios. Quantas vezes, nas festas e bailes, no terreiro, que era

oitenta centímetros mais alto do que o chão, os pés ficavam expostos e era divertimento de muitos apagar a brasa do cigarro nas brechas dos calcinhares sem que a pessoa sentisse. Pés sofridos com muitos e muitos quilômetros de marcha. Pés que só os santos têm. Sobre a terra, difícil era distinguir os pés e a terra tinham a mesma moldagem variada. Raros tinham dez dedos, pelo menos dez unhas. Pés que inspiravam piedade e respeito. Agarrados ao solo, eram como os alceetres, muitas vezes suportavam apenas um corpo franzino e doente. Pés cheios de nós que expressavam alguma coisa de força, terríveis e pacientes.

Olhando o espaço em toda a volta, vê-se ao longe prenúncio de chuva. — "Aquela não vem pra cá, vai dar a volta por Batatais. O céu está nublado. Há ainda muito azul." — "Se o temporal vier por Jardimópolis, na certa vem pra cá. Acho que vai chover muito. Aquela vem mesmo, também o calor era demais." Se Deus não se lembrasse de nós, ia ser o diabo. Manutenção precisa de chuva. As nuvens continuam a se movimentar. Quase não há mais azul. Elas estão se aproximando e vão escurecendo tudo. Não há mais azul. O vento em solavancos vai revirando tudo na sua frente. As casuarinas gemem, criando ambiente triste, são acoiatadas pelo vento. Os relâmpagos cegam. A trovoadá se faz ouvir e assusta. As pessoas nervosas. Os animais inquietos. Há aflição e confusão nas famílias grandes. Cada qual querendo tomar providências mas não conseguem. As mais velhas devem ver onde estão os menores. Outra recolher a roupa que está na corda. Fechar as janelas. Um corisco rabisca o espaço e as primeiras bagas da chuva caem. Corteria de um lado para outro — todos em ação. O gado berrando em companhia das cabras. As aves correm para o seu abrigo. De vez em quando uma voz gritando uma ordem ou uma pergunta. Relâmpago. Trovoadas e as massas escuras e movelões pondo à prova os nervos das pessoas. O vento sopra com mais violência; dá impressão de arrancar tudo que está na frente. Barulhentas as árvores com a agitação dos galhos, curvam-se até o chão agoniadas, curvadas dando a sensação de implorar. As casuarinas gungam. Seu lamento lúgubre. Violentamente açoitam o espaço. O ambiente mostra um *bric-à-brac* em movimento. Caem ramos e folhas secas ou frágeis sobre as pequenas plantas e sobre o canteiro das flores. As cabras e os cabritinhos não cessam de mugir. As aves amedrontadas correm de um lado para outro. As mães procuram as palmas de coqueiro, bentas no Domingo de Ramos, e retiram algumas hastes e colocam em recipientes com açúcar e brasas. As velhas invocam Santa Bárbara e São Jerônimo. Todos nervosos. A irmã mais velha conta os guris, faltam dois ou três, devem estar no vizinho ou em casa do padrinho. Algumas goteiras começam a molhar o chão. As crianças fazem algazarra. A irmã, que vai em busca de uma lata para receber a água da goteira, intervém na gritaria. Entre elas há umas caladinhas... Alguém vê o pontinho doente encravado numa poça d'água se debatendo; apantam-no, enxugam-no e o colocam perto do fogo. Uma delas examina a roupa que estava no quaiador. Há uma pequena estiada. Aparecem os meninos que faltavam. Voltam abrigados: paleto de homem, saco de estopa dobrado em forma de capuz de franciscano, velho guarda-chuva. Alguns aproveitam e saem para patinhar na lama — os mais velhos ameaçam voltar novamente. O temporal recomeça, violento. O céu avermelhado pelo pó de outros lugares, pelo vento comandado. Quando não inverte e prossegue, estia. Os correios sem selo se movimentam. — "Nas casas tais e tais não

ficou telha pra remédio. As grandes árvores em frente à casa de fulano vieram abaixo com raiz e tudo — deixaram buracos de cobrir um homem. Os cavalos do seu Zezé espantaram e derrubaram as cercas. — Ao longe vêm-se rapazes com laços procurando animais. Os miros da casa do Sandro e do seu Meireles caíram todos, não ficou um tijolo. Na Travessa Ferreira, as tapas viraram mingau. O veno foi duro na Vila Cristal. O mangaréu da chácara, não ficou uma. Na esquina do seu Zezé [...] a valera amoleceu e a água fez um buraco pra mãe de um homem — não se pode transitar. Os mata-burros da estrada de Três [...] sumiram na enxurrada, todo o madicrame. A plantação de arroz do Antônio ficou toda arrepiada com a enxurrada. Cortado... Passam alguns trabalhadores molhadísimos e cheios de lama.

Como saudação um grito ou um movimento com a mão: — "Fomos apanhados na estrada." Outros trabalhadores de volta da fazenda em caminhão gritam: — "Na Fazenda dos Coqueiros um raió matou duas pessoas."

Aos seis anos na Fazenda do Capitão onde morava tio Arcângelo e tia Idelma. Havia o Agostinho, o Chico de Paula, o Zé Branco e o Baco. Na tulha guardavam o café. Lá não íamos. Havia muita cobra cascavel e jaracacu. Mordedura de cobra era trivial — morriam muitos. Um afilhado de meu pai, recém-casado, foi picado por cascavel, em vez de chamarem o médico levaram-no à casa do Joaquim Ferreira, sítante atrasado, para o benzer — não teve de vida mais de quatro horas. Os que acima mencionei mudaram-se para Guaiara no outro ramal da Mojiana. Fui em companhia do meu tio e de outros — nos tocamos para lá a cavalo, socado durante seis horas; durante quinze dias, com grande dificuldade dava uns passos. Tia Idelma, na sua bondade natural, aprontou uma panela de arroz-doce, que eu gostava, tanto comi que só em ouvir falar enjoava.

Meu companheiro de brinquedo, ali, [era] o Paco, menino espanhol. Divertíamos-nos indo ao rio nadar e pescar. Na floresta virgem, nos sábados e domingos, acompanhava meu tio, ia espiar o alcapão que havia feito. Numa das vezes, minha emoção foi tão grande que não pude falar. Meu tio disse-me que não saísse de onde estava, voltaria num momento. Só, me virei e bati com o braço numa corça tão novinha e linda como não sei. Meu tio prometeu uma caçada de veado com a cachorrada e o chifre de buzinar. Tínhamos apanhado uma saracura que deixamos em liberdade. Houve grande festa... Depois, minha avó veio me buscar. Tive saudades dali. Nunca mais voltei.

Aqueles amigos e meus tios mudaram-se novamente e para mais próximo de Brodóski. Com meu irmão Paulino resolvemos dar uma chegada até lá. Nós tocamos a pé, nos perdemos no meio do catezal monótono — sem outra coisa para nos orientar. Demos com um "camarada" (trabalhador jornalista). Era só descer o carretador, dava nas casas. Ali não era bonito. Esses grandes trabalhadores foram todos: para o Este.

Com meu pai e alguns "camaradas" íamos à mata cortar madeira. Dava-me alijão assistir às derrubadas: barulhentas e assustadoras. Um pau poderia matar alguém. Com meu irmão e outros garotos, íamos ao brejo cortar tábuas que servia para empalhar cideiras. Dentro d'água não era perigoso. Na beirada, era lugar de urutu, a mais perigosa serpente; diziam

que na testa trazia uma cruz. Nessas bandas viviam os beira-corgos, eles e até as árvores tinham amarelado. Minha tia, que era europeia, ali também adoeceu. Durante dois anos lutou — médicos, curandeiros, benzedores. Até que no hospital em Ribeirão Preto faleceu.

Em casa dela, no sítio, comia-se muita pamonha, laranja, mexerica, uva, cana, coquinho. Na Fazenda do Capitão, o leiteiro vinha muito cedo distribuir o leite, era o Juvêncio, preto, casado com italiana. Vendia a 300 réis o garrafão de leite. Ainda para os lados dos beira-corgos, bem retirado, havia lagoa grande, bonita. Vista de frente, dava num areal, à direita, mata fechada. Três léguas mais, dava na propriedade do Chico Veranda: os filhos com 16 e 17 anos andavam de camisola. Se aparecesse gente de fora, saíam correndo para o meio do mato.

Agosto era o mês do vento — mês de soltar papagaio e balão. A linha de costura desaparecia.

Cristal, pedreiro na Itália, veio para Brodósqui. Quase todas as casas da vila que tem seu nome foram construídas por ele. Boa família e numerosa — não tiveram sorte. O Angelo Bobo era um dos seus filhos.

A igreja de Santo Antônio era o ninho das andorinhas. Às tardes, era um prazer vê-las em grande quantidade chilreando e dando espetáculo com suas acrobacias. Iam e vinham dos fios da luz elétrica, fora da igreja. Com suas reviravoltas, todas ao mesmo tempo, sem se esbarrarem. Às vezes paravam no ar. Ninguém atirava pedras. Tinhamos estilingue e funda...

Quando jogávamos futebol, o Adolfo preto apelidado "Pé de Ferro" chutava tudo. Seu avô, velho preto, manquejava, andava apoiado em um porrete. Trazia sempre um dos pés envolto em panos. Seu apelido de Urutu vinha pela picadura que recebera dessa serpente. Sua irmã, já velha, em outros tempos fora cozinheira lá em casa, além de boa no seu ofício — sabia rezar para cobreiro, mau-olhado, bicheira de animal, fazer moço ou moça gostar... Só dormia em sua casa, às seis horas saía — tinha uma cachorrinha, penso que era o seu tesouro...

Só o que é passar cachorro. O primeiro, que me apresentaram, era o Pombinho, depois, crecio, um perdigueiro negro: Minelique. Um peludo, o Leão. Depois, foi a Minerva, esta só lhe faltava a fala. Os animais conviviam com todos nós — se acontecesse algo de mau, todos sentiam...

Não nos passava pela mente a noção de propriedade em relação a seres viventes.

No pasto da chácara da Vila Cristal, o Pequira, cavallinho preto e manso, foi picado por cobra e morreu, foi uma tristeza para nós. Alguém apareceu montando um carneirinho branquinho, alimentado a manadeira. Ninguém tinha inveja, brincávamos com ele tanto quanto o dono. Para nós aquele carneirinho era como se fosse menino rico em visita... Cada qual possuía algo considerado por nós importante — eu tinha uma bicicleta e carabina de pau.

Gostava de olhar as plantações bem tratadas e limpas. Havia ondulações do terreno e de longe parecia mapa. Às vezes o espantalho estava presente e quando era recuado, a cabeça era de cabaca, furavam o lugar dos olhos, nariz, boca, cobravam vela e à noite acendiam.

Gostava também de espiar os casamentos. Muitos, depois de terminada a cerimônia, voltavam para as fazendas de trole e parentes e amigos também de trole ou a cavalo. Dali até chegarem, soltavam foguetes; lá chegando o povaréu da redondeza já estava festejando, muita comida, muita bebida e baile puxado a sanfona: ia até de manhã.

Contaram que certo fazendeiro dera ordem a um pobre "camaçada" que saísse da fazenda. O homem não sabia aonde ir, estava procurando. Apareceu morto e incendiada a casa, ficando a viúva e as crianças ao relento. Todo mundo comentava e dizia o nome do mandante. Impressionou-me; pensei que poderia estudar, seria advogado e meteria o criminoso na cadeia...

Na época das gabriobas, bem cedo saíamos para o campo que ainda estava molhado pelo orvalho.

O compadre Paulino, carapina, alto, apreciava caçadas. Trazia consigo sempre bengala encastoada e pesada. Na fazenda tomava conta do moimho de fubá movido a água. Mais tarde residia em Brodósqui. Tinha família numerosa. Os filhos menores foram nossos companheiros. Um deles apanhou muito sol e teve meningite. Ficamos amedrontados, quando surgiu alguém com a cabeça exposta, lá vinha o exemplo... Morria-se muito de tetano, o preço da injeção tornava-a inútil. Alguém atacado e sem posses, sabia-se que não escapava. A princípio, várias pessoas custavam, mas depois, devido à quantidade, passou a injeção a ser considerada inexistente. O pai do Pilo, maninho italiano, preferiu ser marceneiro em Brodósqui, esplêndido fazedor de móveis. Eu admirava o verniz vermelho e lustroso que aplicava nos seus trabalhos. Usava à maninho as calças boca-de-sino. Bebia a valer mas sempre rijo. Armava umas brigas leves em casa, demonstração de umas gotas a mais na bebida. Mudaram-se não sei para onde.

A fábrica de macatão na Vila Cristal pertencia aos irmãos Borghini. Tinham um carro especial puxado a cavalo com guizos para a entrega. Estranhava o emprego da anilina cor de ovo. Muitas vezes, fui lá apanhar esse colorante para pintar as cadeiras em madeira branca: cachera, pindatba, etc.

Na chácara do Chico Ignácio, na Vila Cristal, havia grande plantação de mangas; vendia-as em grosso para os exportadores mas quem quisesse podia, mesmo sem pedir, no local, chupar até mais não poder.

Numa das maiores geadas, não me recordo bem se foi em 16 ou 17 em que nada sobrou, os fazendeiros mandaram cortar as plantas. Imigrantes da Baixa Itália, os especialistas nesse trabalho a machado. As três ferrietas não davam conta das encomendas de machado. A matéria-prima estava à mão; trilhos da estrada de ferro. O feitiço dos machados diferia do comum no comprimento e na espessura, bem compridos e de pequena espessura, cortavam como navalha — aço muito bom...

Depois de 3 ou 4 anos, a política cafreira, aparentemente, fez do fazendeiro um nababo. O que tinha menos automóveis não passava de três... Mas a crise de 29 amiquilou-os todos. O empréstimo nos bancos era garantido pelas fazendas que raríssimas não foram confiscadas, retalhadas e vendidas. Termina a tradição dos donos de fazenda.

Nossa imaginação fértil e variada nos socorria constantemente nas invenções de novos passatempos. Começamos a juntar as ossadas de boi, cavalo e cachorro. Metramos nas covas de cal onde trabalhavam os pedreiros; no dia seguinte estavam branquíssimos.

Morando nas fazendas, já havia alguns retirantes. De vez em quando, os enterros em redes ou lençóis. Tíhamos receio de que se rasgassem e apatrecesse o cadáver. Essa gente já se identificava; sempre se lembrando e falando em voltar, mas a família vai aumentando...

A imigração japonesa trouxe para os nossos lados muitas famílias. Traziam da terra muita lembrança em papel de seda e também caleidoscópios. Seus enterros no cemitério local eram estranhos para nós; sobre a sepultura preparavam uma verdadeira mesa de confeitais; à guisa de cruz, colocavam tábuas com inscrições em sua língua. Aurelio, bom menino, não deixava nada para o defunto, comia tudo e levava as bananas que eram em grande quantidade. O pai dele carroçava e o terreno de sua casa fazia divisa com o cemitério. A cocheira enorme era como as da Europa; montes de capim como fazem com o feio. Muitos animais, sobretudo burros; sabíamos os nomes de todos eles.

Os Fabbri fabricavam cerveja preta e branca, licores e gasosa de limão; mais tarde, o limão foi substituído pela erva quebra-pedra, grande diurético e saboroso.

Não havia jeito de concluir a torre da matriz. O Padre Rubbi chamou um pedreiro argentino que estava acostumado a esse trabalho — todo mundo o chamava de arquiteto. Tinha um filho rapaz, jogador de futebol. Aconteceu que o Cassiano, campeão sul-americano, filho dali, estava de férias. Havia também o Coracini que terminara os estudos no colégio em Bataias. Três jogadores excepcionais. O "Brodésqui", deu surra a valer mas com a saída dos três craques, voltou a ser depósito de pancadas. Coracini ficou em Ribeirão Preto; aranjaram-lhe bom emprego, nesse tempo não existia futebol profissional. Coracini viveu pouco; indo a uma caçada, sofreu acidente, vindo a falecer em seguida no hospital dali.

Tio João andava sempre a cavalo no Negrinho marchador. Fazia gosto espiar quando ele apontava na rua de cima. Carinhoso com as crianças, sua chegada trazia contentamento. Distribuía níqueis entre todos nós. Não me recordo quantos anos eu tinha, mas devia ser muito menino.

Soubemos que estava enfermo. Meus pais foram chamados com urgência; ele estava muito mal. Tivera "doença de jovem", apanhada na rua. Era feio isso, escondiam da família e quando chamaram o médico já era inútil. Mesmo porque não havia medicamentos. Lá o médico infernizou-lhe os últimos dias. Intervenção cirúrgica... Assim faleceu esse tio simpático e que mal pude conhecer. Ficou-me na lembrança sua figura de tapaz forte — a cavalo no Negrinho marchador. Havia uma foto dele, morto no caibó. Não dava idade de 19 anos — parecia mais velho.

Minha avó materna, mãe dele, desde esse acontecimento, nunca mais largou o luto e não era mais a mesma. Não deixou que se utilizasse do Negrinho que morreu de velho.

Quando se apresentou ocasião de ir ao Rio, passei noites e noites em vigília, lutando com a indecisão — pena em deixar meus pais e meus irmãos.

Quanto mais próxima a partida mais aflito ficava. Olhava o chão, as plantas, os animais, as aves e aquela luz... Parecia que nunca mais iria ver tudo aquilo que era parte de mim mesmo. Quantas lágrimas derramei às escondidas. Vi e revi mil vezes todos os recantos. Saudade incoerente do que ficava. Até os forasteiros que passavam, eu os sentia como irmãos. Dava-me pena deixá-los. Procurava ensaiar para não ser traído pela emoção. Ia à casa de minha avó, trocava duas palavras e saía vencido, qual não era possível. Voltava para casa, falava com minha mãe e meu pai e sentia-me impossibilitado de dizer duas palavras. Não poderia despedir-me. Preferiria não ir mas necessitava ir, estava na idade. O sol, a lua, as estrelas, as águas do rio, o vento, tudo isso ficaria lá e eu encharcava no escuro.

No dia do embarque, época da gripe espanhola, lá todo o mundo estava de cama e em casa só eu estava bem.

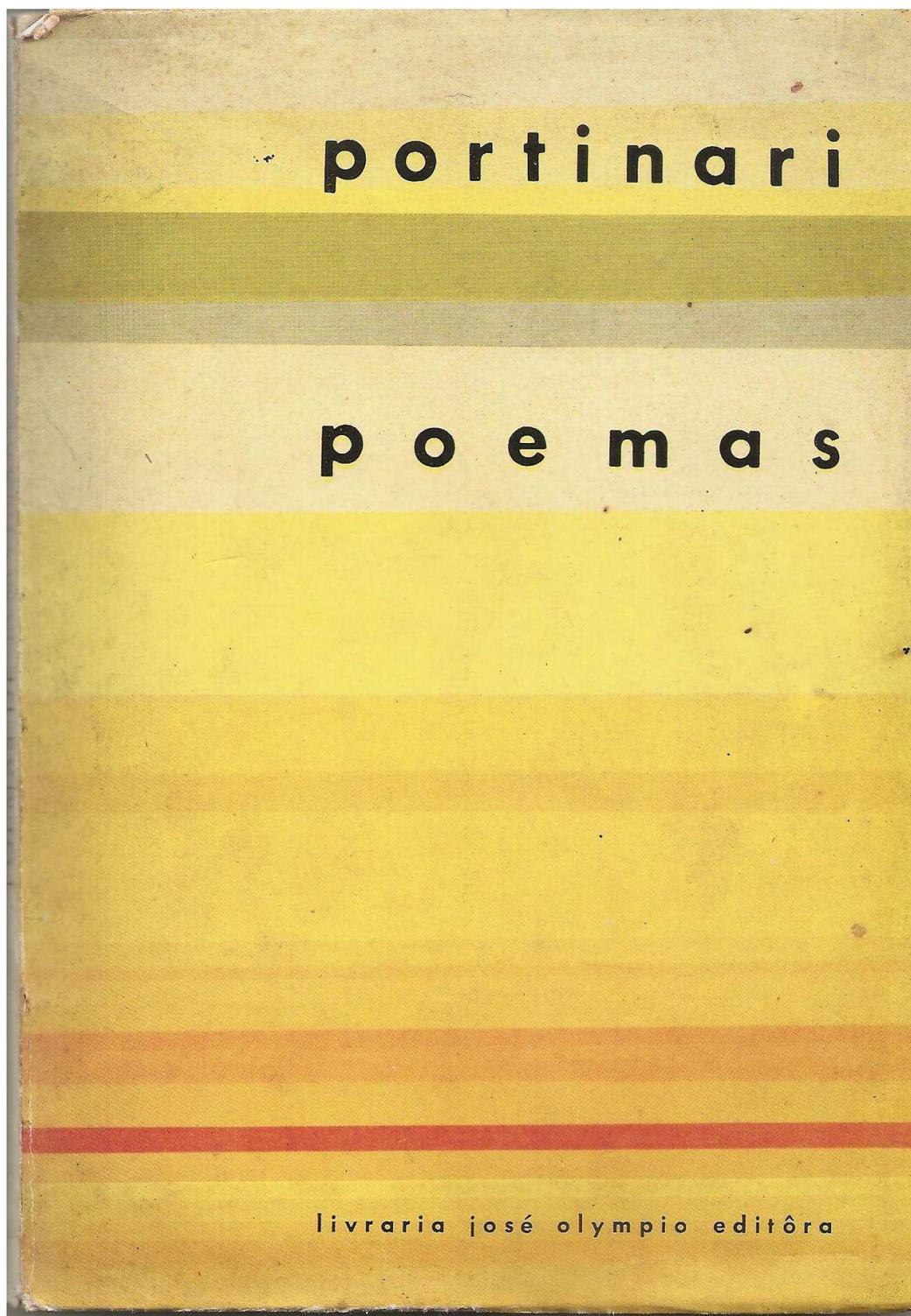
No alvorecer desse dia, bateram na janela, avisando que estava quase na hora. Disse que estava com gripe, não iria. Minha irmã Tata interveio dizendo: — "Vai, bobo... aqui não há possibilidade." Num impulso sai correndo, tive tempo ainda de apertar o trem em movimento.

A última imagem que me ficou gravada na memória foi a de meu pai; levantara-se para se despedir, ainda posso vê-lo: de capote escuro, atravessando o largo da estação. Não teve tempo de me dizer nada...

Aqui termino de contar: episódios de minha vida de infância.

Paris, setembro 1938.

Anexo 2



PORTINARI, Candido. *Poemas*.

Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1964.

1ª edição

CÂNDIDO FORTINARI

POEMAS
(obra póstuma)

NOTA DA EDITORA
de
FOEMA PARA CANDINHO FORTINARI

Vinícius de Moraes

PREFÁCIO
de

Manuel Bandeira

NOTA BIOGRÁFICA
de

Antônio Callado

RETRATO
por

Luís Jardim

CAPA
de

Bianco

★



GUANABARA: Rua Marquês de Olinda, 12 — RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO: Rua dos Gusmões, 100, SÃO PAULO
PERNAMBUCO: Rua Gervásio Pires, 216, RECIFE
MINAS GERAIS: Rua São Paulo, 684, BELO HORIZONTE
RIO GRANDE DO SUL: Rua dos Arcadistas, 717, PORTO ALEGRE

poemas
de
CÂNDIDO
FORTINARI

O MENINO E O POVOADO
APARIÇÕES
A REVOLTA
UMA PRECE

LIVRARIA
JOSÉ OLYMPIO
EDITORA
Rio de Janeiro-1964

FORMAS
DE
CÂNDIDO
PORTINARI

o menino
e o povoado

*Quanta coisa eu contaria se pudesse!
E soubesse ao menos a língua como a cbr.*

Portinari

Bordo do Conte Grande,
25 de outubro de 1953.

Fizeram uma parada, uma parada
Para o trem carregar café,
Antes, estradas difíceis, só carros de bois
Transitavam, levando dias e dias.
Depois, uma casa aqui, outra ali.

Formaram o povoado. Não
Há rio, nem pedras.
De tijolos caiados e telhas antigas
São as construções; de taipas e
Arame farpado, os divisores.

Lugar arenoso no meio da terra roxa
Caféira. Imenso céu azul circula
O areal. Milhares de brancas nuvens
Viajam. Caravanas luminosas
Em movimento. O mais solitário, ali
Deixaria de sê-lo. Toda essa fagueira
Companhia. Alegre e promissor
Futuro...

As festas, os bailes, a banda de música
Procissões e o sino repicando...
Muito povo endomingado
Noites enluaradas e tódas as estrélas
Eram mais claras do que os dias nos outros povoados.

Antes da luz e da água encanada,
No povoado havia lamparina
E cisterna; dez a quinze metros
Para encontrar o líquido.

Os elétricos traziam iluminação
De carbureto. Próximos
Dos elementos. Quantos vendavais e
Chuvas de granizo!

Moinhos de garapa,
Feitos de madeira—canaviais
E matas virgens com seus pássaros e
Frutas. Consumiram

Tudo e mais as lendas. Onde
Estarão os jacus e as pacas?
Os jenipapos e jatobás?
As estradas cortando as

Matas criavam histórias
E médos. Os caminhos
Também fugiram. Olhando
O céu, às vezes os vejo transformados em nuvens.

Sai das águas do mar
E nasci no cafézal de
Terra roxa. Passei a infância
No meu povoado arenoso.

Andei de bicicleta e em
Cavalo em pélo. Tive médos
E sonhei. Viajei no espaço.
Fui à lua primeiro do que o sputnik.

Caminhei além, muito além, para
Lá do paraíso. Desci de pára-quetas,

Atravessei o arco-íris, cheguei
Nos olhos-d'água antes do sol nascer.

Nasci e montei na garupa
De muitos cavaleiros. Depois
Montei sozinho em cavalo de
Pé de milho. Fiz as mais

Estranhas viagens e corri
Na frente da chuva durante
Muitos sábados. Dava poeira
No trenzinho de Guavira.

Paco espanhol era meu parceiro.
Vivíamos apavorados com os
Temporais—pareciam odiar
Aquêles lugares...

Vinham ferozes contra as
Sete ou oito cabanas
Desarmadas.

Num pé de café nasci.
O trenzinho passava
Por entre a plantação. Deu a hora
Exata. Nesse tempo os velhos
Imigrantes impressionavam os recém-chegados.
O tema do folatório era o lobisomem.
A lua e o sol passavam longe.
Mais tarde mudamos para a Rua de Cima.
O sol e a lua moravam atrás de nossa
Casa. Quantas vezes vi o sol parado.
Éramos os primeiros a receber sua luz e calor.
Em muitas ocasiões ouvi a lua cantar.

Esmerava-se para aparecer nitidamente
Redonda. Ficava espiando do nosso maracujazeiro.
Surpreendido vendo São Jorge à paisana,
Pensei pedir-lhe o cavalo emprestado.
Não me animei. A lua estava de vestido de
Noiva. Os sinos começaram a badalar.
As gentes acudiam, era a missa do galo.
Os dos sítios do Adão e dos olhos-d'água
Lá estavam desde cedo.
As estirêlas baixaram iluminando o lado
De fora da igreja, onde se aglomeravam
As gentes, os cães e os animais de montaria.
O Dragão veio se chegando de chinelo...

Minha memória já não alcança
Aqueles cafésais. Começa
No passado. Antes há lembranças entrelaçadas
E sonhos. Mesmo se prolongando

Até lá, vejo esfumado.
Os sonhos se repetem?
As nuvens no céu?

A água do rio terá a
Mesma medida? Ou a mesma cor?
Sofrerá a água?
Correr, correr sempre, e ter olhos

Para ver como quiser: ver a
Estrada azul voar no espaço
Como a brisa e disparar
No cavalo branco sem se importar
Para onde.

Amanhecer alegre nas festas
Da fazenda. Preparavam
Os cavalos atrelando-os aos
Troles. iam buscar a música.

O baile desta vez não era
De sanfona. O dono era
Importante. O côrrego estranhava
Ter de refletir tantas gentes e animais.

Fogueiras, quentão e rapadura.
As mãos endomingadas valiam-se
De Santo Antônio. O céu estava
Completo e nítido. Cada um esperava

Sua alegria—para a maioria não
Vinha—o vento a conduzia para
Outras terras, às vèzes, olhando à toa,
Vejo passando qualquer coisa branca.

É uma alegria sem destino
Ou uma estrêla morta. O som da
Música do baile vaga no espaço
Ou no assobio dos namorados.

Distante o mais longe na memória
A casa velha, o coqueiro solitário.
No amanhecer do orvalho
Moravam os donos do gado.

Havia em algum lugar numa
História de Dona Iria ou dentro

Da chuva. Não havia lua e nem
Sol. Qualquer coisa branca e azulada.

Não sei o que está preso
Em mim: lembrança fixada
Em meus olhos. Se não penso,
Ela surge. A côr da porta e

Da janela perdi e nunca mais
Achei contente mesmo assim,
Em sonhos vejo tudo e
A porta e a janela—mas em preto e branco.

Do sol dos sábados chovia alegria
Endormingava as árvores e toda
A natureza. Na varrição dos terreiros
Se ocupavam todos da família.

Em seguida, dos milhares de
Montículos a fumaça subia e
Se transformava num côro de anjos.

De volta a casa
Passava um ou outro trole
Ou cavaleiro vindo das fazendas.

Na praçinha frangos e perus
Ciscavam. Cães e cabritos circulavam
Indecisos e amedrontados.

Não há mais fumaça de anjo
E nem varrição de terreiro.
Do sol nunca mais choveu.

As porteiras nos caminhos
Tortuosos e semelhantes às covas
Do cemitério. Porteiras rangendo
Ou batendo. O eco rápido

Comunicava-se até para lá do
Longe. Silenciosas quase sempre.
Raros caminhantes. Cores diversas.
As mais próximas das fazendas
Alegavam-me sempre,
A porteira preta acolhia
As assombrações, a coragem
Ao avistá-la fugia no espaço.

Outras tão alegres, preferidas
Dos pássaros. Podiam morar
Ali. Nenhum de nós focava nos ninhos.

O som das porteiras distantes que estão dentro de mim...

Festas, procissões, banda de música,
Leilões de prendas e o repique dos sinos,
Passeio na reireta, môças bonitas,
Todos com suas melhores roupas.

Na plataforma da estação
Esperávamos a chegada do trem
Talvez viesse qualquer coisa
Para nós: um volume de alegria. Como

Era imenso o pequeno povoado!
Cada um de nós tinha namorada,
Mesmo sem ela saber.
Nos bailes nossos olhos acompanhavam

A mais bela. Quando tudo terminava,
A tristeza descia sobre nós...
Só nos restava a
Volta do coreto nos domingos.

Badalava a hora da reza.
Melancólicos, éramos obrigados a ir embora
Como demoravam passar os dias!
As moças das fazendas só viriam no ano próximo.

Com os pés e os lábios rachados
Pela lâmina do inverno, saíamos
Ao encontro dos companheiros,
Mesmo quando a chuva monótona
Invernava.
Famos ver os ninhos de
Passarinhos, cada um zelava
De uns quantos. Nenhum os maltratava.
Levávamos alimentos para eles
Distribuíamos arapucas pelo pasto.
Assim brincando, crescíamos.
O vento passava sem destruir nada.
Voltávamos correndo,
Famos
Nos aquecer perto do fogo,
Que nessa estação
Permanecia aceso.
Fazíamos pipoca. As vezes,
Confortados adormecíamos.

A madrugada conta-me sempre, e
Sempre não entendo. Talvez
Sejam avisos do mal que me sucede.

As chuvaradas de meu
Povoado... Estas nos traziam tanta alegria!
Patinhávamos na enxurrada.

Todos nós saímos à rua
Felizes em nossas roupas molhadas.
As madrugadas daqueles tempos

Eram raras. Despertávamos
Ouvindo o canto dos carros de bois.
O sono nos largava, ficávamos

A espera do clarear do dia
Para sairmos. Os sons
Longínquos ou próximos

Faziam-nos palpitar. Por onde
Andarão aquelas madrugadas?

Galopei o vento e também
Tornei-me invisível. Chegando
Aos olhos-d'água, fui derrubado
Na lagoinha. Fiquei todo molhado.

Sentei-me na pedreira, defronte
Do sol. Enxuto, voltei a pé,

Passei pelo matadouro e
Espiei n'osso rio de nadar.

Existirá ainda? Dali olhava
Os bois colados no monte.
Não se apagará de minha retina
A casa branca dos bexiguentos.

Entrava em meu povoado,
Atravessava-o para chegar
Em casa. Sempre
A alegria da volta compensava.

O médo de viajar sozinho...
Como está longe e apagado
Esse viver feliz! O sol, a lua,
As estrelas, as flores e os pássaros
Mostravam-se grátis.

Parecia chuva de ouro
Que a locomotiva nas noites escuras espalhava,
Enchendo o espaço de fagulhas.
Fêérico e inesquecível—nem o céu estrelado
Dava aquela sensação de glória
Ao coração frementê. Sentimento
De ternura...
Desejava abraçar os viajantes,
Desejar-lhes felicidades.
As casinhas de beira da estrada, mal percebidas
Apenas pelo tênue fio dum lumezinho...
Ternura para seus habitantes...
Minha paisagem se distanciava.

36

Vi um pé de alecrim no campo dos zebus
Alecrim, alecrim, filho da rosa e do cravo,
Ven ajudar-me a encontrar meu amor.
Vamos primeiro ao mar, depois subiremos
A montanha. Se o encontrarmos, te darei, te darei...

As manguieiras ramalhavam
E agitavam os corações acesos
Que as enfeitavam. Velhas
Manguieiras de minha infância...
Eram as babás dos meninos
Pobres como eu. Floriam e
Ninguém lhes atirava pedras.
Das flores nasciam os coraçõezinhos.
De verde limpo, sem o pó das
Velhas fôlhas espalhado pelo
Vento. Estas, tão abundantes—
Serviam de escudo. Os corações
Em sua plenitude luziam ao longe.
As vèzes choravam lágrimas
Resinosas.

Dona Iria portuguesa
Contava-nos histórias.
Quando o sol descia,
Estávamos todos em sua

Casa. Que lindas eram!
Cada um de nós se imaginava
O herói. Estão em minha
Lembrança—embaralhadas.

37

Para nós Dona Iria era a melhor,
A mais importante.
Veio a geada e
Queimou todos os cafézais.

Eu ouvia os comentários dos adultos.
Meu pai falou em crise.
Pedi a Deus que não deixasse
Pegar em Dona Iria aquela doença.

A noite, viajando pela estrada solitária montando
O Negrinho, sentia uma sensação de paz.
As estrelas cintilavam clareando a campina.
O céu, com seus milhões de lumes,
Tirava da penumbra vultos de formas variadas.
Assim, acompanhado, o medo não viria.
Oh estrada do paraíso! Teria cortejo de anjos?
Que tranquilidade! Sentia a erva
Crescer, os pássaros imóveis em seus ninhos.
Acompanhava-os o silêncio. Não sabia onde ia
Meu cavalo, mestre em andanças, enxergava
Mais à noite. Respirando a brisa amena, ia
Pensando: Por que não morrer
Ali no caminho do céu?

Se eu soubesse por onde
Anda o som do sino
Nas alvoradas do dia de
Festa de Santo Antônio!

Perguntarei ao vento, que
Invisível galopa por estes

38

Mundos e sempre passa por
Meu povoado. Existirá

Ainda? Ou transformou-se
Em arco-íris? As andorinhas
Enchiam a praça da Igreja
Seu chilrear acompanhava
O repique do sino de minha
Infância.

Na praçinha de Santo Antônio
Havia um morto abandonado
Ninguém sabia quem o tinha
Largado ali. Era um preto já

Em decomposição. Talvez
Um órfão vindo das bandas
Do Triângulo para ser matado.
A vida nada valia ali.

Haveria interesse em conhecer o matador?
O vento e a lua não contariam.
A noite negra e os raios assistiram,
Na terra molhada havia,

Por todos os lados, rastros de pés
Semelhantes. Depois de alguns
Dias o enterraram. Não tocaram
O sino. Lá todos têm o mesmo pé.

Aos sete ou oito anos tive
Uma namorada branca, branca.

39

Nunca lhe disse uma palavra.
Nos víamos à saída da escola

Ou aos domingos na Igreja.
Ela sabia. Ficava vermelho
Quando os meninos diziam
O nome dela. Ao sol ela doía na vista,

De tão branca e luminosa.
Depois nunca mais a vi e
Nem lhe ouvi o nome.
Namorei tantas meninas e
Ninguém soube.

Sofria e sonhava. Às tardes
Na hora do trem chegar
Passava milhares de vezes
Em frente à casa dela. Atrás
De minha retina estão fôdás as casas...

As roseiras estão em flor? Quanta rosa nas
Roseiras lá de casa! Todos vinham pedir rosas
Por mais que levassem, mais havia
As roseiras estiveram presentes desde
O meu nascimento. Minha mãe cultivava-as
Ficava lisonjeada quando pediam. Havia outras
Flores. Sua preferida era a rosa.
A idade não lhe permite mais esse prazer.
Também com a idade as roseiras não dão
Mais rosas.
Com elas se apagou parte
Da minha vida feliz...

Nem vi o mar e nem as árvores.
A cegueira escureceu-me
A imaginação. Ouço o sino de onde?
Badala até chegarem ao cemitério.
Enxergo somente reproduções.
Algumas em côres, outras em branco e preto.
Carrago-as dentro de mim.
Não ouço vozes e nem barulho.
Ainda estarei neste mundo?
Lembro-me dos azuis nas
Montanhas e das águas
Pardacentas dos córregos do povoado.

O matadouro ficava a uns cinco quilômetros.
Iamos em grupo nadar no córrego barrento.
Quando abaiam o gado, ele recebia toda a sujeira.
Entretinha-me a olhar as montanhas, os animais
Coloados a elas ou gravados. A água
Turva corria entre touceiras de barba-
De-bode, um ou outro arbusto retorcido e dourado
Pelo sol. A estrada era movimentada. Em casa
Sabiam de nossa escapada e desobediência. Quando
Alguém mais tímido propunha a volta todos respondiam:
—Vamos apanhar mesmo, aproveitemos até ao escurecer.
Mais adiante ficava a fazenda dos olhos-d'água.
Mais para frente era o fim do mundo.

Já na fila
Da última viagem,
Dói-me deixar-te.

Meu espírito estará perto.
Talvez juntos iremos à
Montanha à procura das nascentes.

Olharemos as pedras e os
Rios; te recordarás de mim?...
Dá um nó em tua blusa.

Só neste quarto,
Faço uma incursão no
Passado. Vejo-me armando arapuca,
Sou o prisioneiro eu mesmo.

Houve alegrias,
Misturadas com sarampo.
Quebrei a perna ao chegarem.

Mas tudo se iluminou: a lua
Branca sorria. Acenavam-me as gabirobeiras:
Em cada uma eu via a tua imagem...

Eu lidava mais com os
Bichos, as árvores, as águas,
O céu estrelado e o vento...
Também com a minha botinha e meu
Chapéu: existirão ainda?

Mais tarde tratei com os
Homens: e a tristeza veio e
Permaneceu—nunca mais me alegrei.

Na infância amei uma coisa branca
Esperava-a nas esquinas
Presentia-a de longe.

A lua de São Jorge alumiaava
A estrada para ela.

Nas noites estreladas nada ouvíamos. Dos sentidos
Só os olhos agriam e anulavam os outros.
O mau tempo trazia a escuridão e a tristeza.
O sino da cadeia dava as dez paucadas
De medo. Seriam os lobisomens?

As dez em geral dormiamos, o trovão e as faíscas traziam
Inquietação. Sem coragem de sair à rua
Ou ao quintal. Sobressaltos até ao amanhecer.
O vento zunia. Estaria furioso?

Depois de dado o toque de recolher
Os dois únicos soldados do povoado patrulhavam ligeiros,
Batendo os sapatos no solo. Longe cães ladravam
Voz de carroiro atrasado pelo encaalhe interrompia o
Silêncio, chamando os lindos nomes dos bois de seu carro.
A quietude permitia ouvir nitidamente seus resmungos.
Vinham desde a lonjura sobre o vento...

As viagens de trem foram as melhores.
Olhando as árvores, as casas, os animais e
Os fios telegráficos, ia sonhando.
As paisagens e seus habitantes
Vistos dali pareciam contentes...
Tudo endomingado. Apreciava o
Ruído do trem. Nas paradas, nas
Pequenas estações, lá estavam os
Mendigos, cegos ou sem perna, os
Meninos apregoando alguma coisa e as
Filhas do chefe vendendo café em
Uma janela. Mocinhas nascidas
Ali, ansiosas por respirar outros

Ares. Tristes mas esperançosas.
 Talvez seus sonhos se realizassem...
 O sonho era um príncipe. Ele não
 viria. Elas seriam logradas, mas
 era bom morrer
 Sonhando com o príncipe.

Sentia-me feliz quando chegava um circo.
 Vinha de terras estranhas.
 Todo o meu pensamento se ocupava dele.
 O palhaço, montando um burro velho, fazia
 Reclame com a meninada acompanhando.
 Eu assistia ao espetáculo e apaixonava-me pelas
 Acrobatas de dez a quinze anos. Fazia
 Planos para fugir com elas. Nunca lhes falei.
 Por elas tudo em mim palpitava.
 Minha fantasia,
 Voltando à vida real, entristecia-me. Não era eu
 Um príncipe? Nada disso. Roupas baratas,
 Pobreza... Até as flores lá de casa pareciam
 Murchas e sem perfume. Só nos achávamos
 Bem rondando o circo. Quando partia para outra
 Localidade, eu sentia tanta tristeza, chegava ao desespero,
 Chorava silenciosamente; desolado ia ver o trem
 Passar na direção onde estavam as acrobatas.
 Talvez pensassem em mim
 O trem seria meu emissário.
 Nos encontraríamos mais
 Tarde... O tempo deixava pequena lembrança
 Até a chegada de outro circo...

Passaram os acontecimentos;
 Só não passam os sonhos. Tão
 Reais que ninguém saberia distingui-los

De coisas acontecidas. Sentávamos ao
 Redor do fogo nas manhãs frias, na
 Colheita do café. O céu cobria-se de
 Luzes nas noites geladas. Deitado
 De costas, maravilhado, olhando,
 Pedia a Deus para morrer.
 Tinha perto de sete anos, seria
 Anjo. Depois dos sete nem caixão azul
 Teria. Por onde andais, meus sonhos?
 Voltarei a sonhar? Estarei sonhando?

Terei vivido muitas vidas?
 Tantas recordações baralhadas!
 Quando eram sonhos? Quando realidade?
 Posso me ver no longe muitas vezes,
 Tão remoto e tão rápido...
 Meus chapéus, minhas camisas,
 Onde estarão?
 O sol e o cheiro da terra...
 A Rosona, velha imigrante, com
 Seu lenço amarelo e preto...
 Para vê-la atravessava-se o cafézal
 e um córrego. Passarinhos...
 Era a avó do primo Júlio.
 A mula-sem-cabeça, o lobisomem
 São desse tempo. Mais distante
 A casa, o coqueiro grande.
 Madrugada orvalhada e cheirosa...

Nos olhos-d'água
 A sanfona do Gorbelin se ouvia
 A noite inteira. Namorados
 No baile. Um ou outro saía
 Para o escuro e ficava olhando o firmamento

E as estréias. O gado pastava
Silencioso.

Bem maior foi meu mundo no
Povoado, e mais misterioso também
Nossa banda de música, com tampas
De panelas, e flautas de bambu,
E pífanos de canudo de mamoeiro...
Marchávamos pelas ruas do povoado.
Em cada um de nós havia um general
Comandante. O entusiasmo
Nos fazia tremer. Os cães amigos
Nos acompanhavam, pareciam
Sonhar também...

Pedi ao anjo as asas emprestadas. Sobrevoei
meu povoado. Irriguei as plantações com minhas
lágrimas
Pensei na felicidade perdida.
Não há ali mais nada.
Tudo que me fez sofrer e me fez feliz não
existe mais.

Não irei ao povoado
Não verei o trem nem os zebus.
Não terei mais aquela luz
Suave e repousante. Nossa
Casa é um túmulo vazio
As mangueiras e tódas as árvores
Estarão petrificadas?
Tive muitos chapéus,
Nunca mais os vi, onde estarão?
O meu galo-da-índia atroxeado
E briguento ficou por lá.
O meu caniveteinho de cabo de madrepeiroia
Sumiu há muitos anos.
Haverá nos ventos algum ladrão?

Tudo que tive sumiu.
Sumiram as brancas nuvens daquele tempo,
Sumiram as fogueiras de São João,
Sumiram a maioria dos meus amigos,
As músicas da sanfona do Gorbelin.

Nas noites de temporal as
Casuarinas choravam um chôro
Triste, triste e o sino tocava
Sôzinho na igrejainha deserta

Alguns cavalos amedrontados
Galopavam sem direção...
Inquietantes barulhos vagavam no
Espaço. Gotejava em todos os aposentos.

Refletiam as vidraças quebradas
Os canteiros verdes e as flores
As chuvas miúdas das invernaadas
Monótonas e mansas valorizavam as côres

A neblina nossos olhos entupia
A boca com surpresa nos fumegava
Ao redor tudo se transformava não era o que se viu
A terra o fumo engolia e não enxergava

Ao que era tudo voltava
O sol lá longe nas alturas iluminava
Suave através de densas camadas
As nuvens que se esgarçavam embranquiçadas

A luz do sol filtrava
Exuberante a pequena erva se engalanava
A natureza movia-se encantada
Da neblina e da chuva suavemente peneirada

Os temporais naqueles tempos de
Minha infância!
Alguém doente pediu
Guarda-chuva; não havia mais telhado
Os estragos eram muitos
Os animais espavoridos fugiam
O entardecer sem sol e a noite
Escura, sem lua e sem estrelas
Era triste
Os córregos com suas águas turvas
Inundavam as plantações.
Chegavam para serem enterrados
Os mortos pelos raios da véspera.

Era um imprevisto favorável. O mar
Nos liga. Ouço tua voz de menina soando
Em meu ouvido como música do céu.
Quanta ternura...
Dorme e dá-me tua alma por uns instantes
De mãos préas iremos na alvorada,
Ver os eucaliptos ao lado da
Velha casa abandonada. Proseguiremos
Conversando lhe direi como não cessar
De pensar e mesmo no
Sono sonho contigo.
Não falarei de tua pele, de teus
Cabelos, de teus lábios e de teus olhos
Fundos...

48

A lua vestia-se de noiva,
Quando aparecia nítida,
Nas festas do céu.
Vinha pela metade

Nos outros dias
Não era tão branca
e às vezes rasgada.
Ou inapercibida. Assim São Jorge

Não viajava
Ele o cavalo e o dragão
Não cabiam
O foguete desrespeitou-a não vem mais
vestida de noiva.

Não tínhamos nenhum brinquedo
Comprado. Fabricamos
Nossos papagalos, piões,
Diabolê.

A noite de mãos livres e
pés ligeiros era: pique, barra-
manteiga, cruzado.
Certas noites de céu estrelado
E lu, ficávamos deitados na
Grama da igreja de olhos presos
Por fios luminosos vindos do céu
era jôgo de
Encantamento. No silêncio podíamos
Perceber o menor ruído
Hora do deslocamento dos
Pequenos lumes... Onde andam
Aqueles meninos, e aquele
Céu luminoso e de festa?
Os médos desapareciam

49

Sem nada dizer nos recolhíamos
Tranquilos...

Quanta esperança naquele
Tempo. Das manhãs de neblina
No pasto os potrinhos fogosos se assustavam
Nos assustando. A fumaça se ia

Voltaria no outro inverno?
O fumo saía de nossas bocas
Sensação de homens crescidos...
Os córregos fumegavam também

Mundo de alegrias ao lado dos
Elementos. O céu era logo ali
O lugar mais distante o Furquim
Além do arraial do Silva...

Os zebus pastavam nos campos
De capim-gordura e barba-de-bode
As perdzizes nasciam ali e
o grito da serrieta ecoava longe longe...

Mais do que o apito do trem
Onde estarão acumulados?
Os periquitos só apareciam no
Poente. Passavam nas alturas em formação

Velozes
Volteavam e desciam sobre os
Coqueiros. Antes do escuro chegar
Todos novamente disciplinados evoluíam
Desaparecendo no espaço.

Quando o crepúsculo tingir as últimas
Nuvens haverá o dia de lua. Só os simples
Se alegrarão.

As estradas brancas, as montanhas recostadas no
Céu, os animais e toda a criação do Universo
Ficam plantadas ali. Faz repousante,
Movem-se suavemente as folhas, e os pássaros.
A luzinha na casa do lavrador, lá longe nos faz
Imaginar: "Como são felizes aqueles"... O gado
Ajeita-se para o descanso. O Senhor parece
Abençoar, fica de vigília a noite toda. As
Nuvens se dissolvem, a lua dirige
A noite. O pequeno riacho serpenteando vagaroso
Acompanha a beleza do DIA DE LUA

Conhecia tão bem aqueles
Caminhos e lá chegando não os
Encontrei—desapareceram
Quis ver a "avrona" da infância
Interroguei aos daquele tempo
Nem sabiam do que se tratava
Não perguntei mais.
Desde esse tempo peguei tristeza
Existia?

Ou sonhei. Também não vi
As estrélas no céu
Os vaga-lumes acesos
Clareavam os trilhos
Na escuridão tropecei
Desmancharam-me
E não me posso mover

A terra vermelha de Jardimópolis
Era impalpável. Os filhotes do vento

A levantavam atirando-a em
Tudo. Os habitantes não usavam

Sapatos e nem roupas brancas. Quando a ventania
Passava por lá fechavam-se
Em casa. De povoado arenoso
invejava-os crente em sua superioridade.

Zangávamos com
os forasteiros por gritarem, na partida do trem:
Voltaremos
Para tomar banho de areia

Gostava daquela cidadezinha
Avermelhada de minha avó e tios
Visitava-os sempre
Era a minha Jerusalém

Quanta alegria esbanjei ali
Muitas môças e mais belas, olhava-as
Mas ninguém me via. Se uma delas
Pousasse os olhos em mim perderia os sentidos...